



Marta Sofia da Silva Rodrigues

*Habitação nobre da vila de Condeixa*

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2011

Marta Sofia da Silva Rodrigues

*Habitação nobre da vila de Condeixa*

Dissertação de Mestrado  
em História da Arte, Património e Turismo Cultural

apresentada á Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra  
sob orientação do Professor Doutor Pedro Dias

2011



## **Resumo**

A descrição dos palácios de Condeixa-a-Nova a nível arquitectónico e histórico bem como o seu enquadramento e importância na história da vila.

## **Palavras – chave**

Condeixa-a-Nova, palácios, arquitectura.

## **Abstract**

The description of the palaces of Condeixa-a-Nova at an architectural and historical level as well as its framework and importance in the history of the village.

## **Keywords**

Condeixa-a-Nova, palaces, architecture

## **Agradecimentos**

A realização desta dissertação foi fruto de um trabalho de investigação que contou com a contribuição de várias pessoas e instituições imprescindíveis para a sua concretização. A essas pessoas e instituições gostaria de expressar o meu sincero agradecimento.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer ao meu orientador Doutor Pedro Dias, que me incentivou na escolha do tema, por ter sido meu professor não só no Mestrado como na Licenciatura e de me ter ensinado o gosto pela arte com a sua sabedoria e pela sua experiência vivida. E além disso pela sua amizade que nunca será esquecida.

Á Faculdade de Letras sobretudo ao Instituto de História de Arte pela cedência e consulta bibliográfica.

Á Câmara Municipal de Condeixa e Pousada de Santa Cristina pela sua disponibilidade e facilidade de acesso ao local de estudo.

Aos meus colegas e amigos de Mestrado sobretudo á Deolinda Martins e Cidália Santos pela ajuda fotográfica.

Ao Humberto Vilão por me ter ajudado sobretudo na bibliografia e na fotografia.

Ao João que me ajudou imenso, pelo seu apoio incondicional e por ter estado sempre ao meu lado.

E por último aos meus pais e ao meu irmão pelo seu apoio incondicional.

## Índice

<b>Introdução</b> .....	6
<b>Capítulo I</b> .....	9
1 - Caracterização geográfica e histórica de Condeixa-a-Nova. ....	9
1.1 Considerações gerais e situação geográfica.....	9
1.2 Linhas gerais da sua História .....	11
<b>Capítulo II</b> .....	19
2 - As principais ruas de ligação aos Palácios.....	19
<b>Capítulo III</b> .....	22
3 - Invasões Francesas. ....	23
<b>Capítulo IV</b> .....	30
4 – Palácios de Condeixa-a-Nova.....	30
4.1 - Solar da Quinta de São Tomé.....	30
4.2 - Palácio dos Figueiredos da Guerra.....	39
4.3 - Palácio dos Almadás .....	47
4.4 - Palácio Sotto Mayor ou dos Lemos Ramalhos.....	56
4.5 - Palácio do Conde de Podentes .....	67
4.6 - Palácio dos Sás .....	75
<b>Conclusão</b> .....	83

<b>Fontes e Bibliografia</b> .....	85
<b>Anexos</b> .....	89
Quinta São Tomé .....	94
Palácio dos Figueiredos da Guerra .....	102
Palácio dos Almadas .....	115
Palácio Sotto Mayor ou Lemos Ramalho .....	126
Palácio do Conde de Podentes .....	148
Palácio dos Sás.....	156

## **Introdução**

Condeixa-a-Nova é uma vila relativamente pequena, quando comparada com outras, mas com um número de habitantes a subir de ano para ano, não estivéssemos nós na periferia de uma das mais importantes cidades portuguesas da actualidade e dos séculos passados.

A história de Portugal deve muito á cidade de Coimbra a vários níveis. Foi capital do reinado português, foi berço de alguns reis, foi palco de “milagres”, é palco do descanso merecido mas eterno do mais antigo e importante monarca português e por último mas não menos importante foi em Coimbra que se estabeleceu uma das universidades mais antigas do mundo. Não haveria seguramente melhor lugar para o estabelecimento de uma vila como é a localização geográfica de Condeixa-a-Nova. Esta localização da vila foi o ponto essencial para o aparecimento do principal objecto de estudo deste trabalho, que se trata da habitação nobre da vila de Condeixa.

Condeixa-a-Nova encontra-se a meio caminho das maiores cidades portuguesas, Lisboa e Porto, e era e continua a ser local de passagem obrigatória para quem faça a viagem entre estas duas cidades. Encontra-se igualmente, como já dissemos, muito perto da cidade de Coimbra (distância cerca de 12 quilómetros) berço do reino durante muitas décadas e por isso local de passagem e local de descanso de muitos nobres e também de alguma realeza. Como local de extrema importância geográfica, existiram alguns nobres que viram na localidade condições excelentes para construir sumptuosos palácios, senão vejamos que só no interior da vila e num curto espaço estão localizados hodiernamente seis palácios arquitectónica mente visíveis, uns bens melhor conservados do que outros e que irão ser o objecto principal de estudo deste trabalho.

No estudo a efectuar acerca destes palácios iremo-nos deparar com inúmeras dificuldades de acesso a pelo menos metade. O acesso ao Palácio Sotto Mayor ou

Lemos Ramalho, ao Palácio do Conde de Podentes e ao Palácio dos Sás é muito condicionado, uma vez que se encontram em mãos privadas e por isso vedando o acesso a quem quer visitar os mesmos. Já relativamente aos restantes, o Palácio dos Figueiredos, Palácio dos Almadás e a Quinta de São Tomé o acesso é relativamente fácil, isto porque, o Palácio dos Figueiredos é actualmente local onde se estabeleceu a Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova e por isso local de fácil acesso a qualquer munícipe. Ao Palácio dos Almadás também se acede relativamente bem, uma vez que se tornou numa pousada, rebaptizada de Pousada de Santa Cristina. Por último o acesso à Quinta de São Tomé embora seja livre e gratuito, torna-se algo complicado devido aos anos passados sem reconstruções e melhoramentos e devido á natureza selvagem que o envolveu e que ainda o envolve, tornando o seu acesso apenas possível a alguns corajosos que não tenham receio da fauna e flora local.

O estudo que nos propomos fazer sobre estes palácios incidir-se-á sobre a parte arquitectónica dos mesmos, sem nunca esquecer a história destes e até mesmo os proprietários que cada palácio já conheceu. Mas não é só destes palácios que este trabalho será composto, iremos tentar descobrir um pouco mais Condeixa-a-Nova, tentaremos descobrir as gentes locais e a história da vila. Iremos dar alguma ênfase às mais importantes passagens históricas que a vila percorreu ao longo dos anos. Daremos particular importância que afectou todo o território nacional e em particular a localidade condeixense e que foram as invasões francesas. Invasões essas que devastaram quase na totalidade a localidade e provocaram a maior destruição de que á memória na história de Condeixa-a-Nova. Conheceremos igualmente as ruas que circundam os palácios e conheceremos os nomes pelos quais eram apelidados essas ruas nos séculos passados e o nome actual das mesmas.

Para desenvolver o estudo que iremos apresentar recorreremos aos próprios locais de estudo, tirando fotografias para documentar o corpo do trabalho e para que o leitor possa verificar as condições actuais dos palácios.

Como é óbvio não iremos descurar as pesquisas bibliográficas e o recurso á Internet, desde já quero destacar um excelente trabalho, que tive acesso da autoria de Augusto dos Santos Conceição, trata-se sobretudo de uma monografia de Condeixa, outra obra muito importante para a realização deste trabalho foi *Condeixa, paisagem, memória e história*, da autoria de Artur Mendonça, José Magalhães Castela, Cândido Pereira, Joaquim Filipe Soares Rebelo, Paulo Marques Silva e José Amado.

Vamos então partir à descoberta de Condeixa-a-Nova.

“ Condeixa é uma terra de tradições. Vêm-lhe das suas remotas origens romanas, do berço que foi para fé cristã nas terras de Conímbriga, da memória de acontecimentos significativos ao longo da nossa história, da determinação e dos valores do povo que ali habita.” Albino Cleto, Bispo de Coimbra.

## Capítulo I

### 1 - Caracterização geográfica e histórica de Condeixa-a-Nova

#### 1.1 Considerações gerais e situação geográfica:

O concelho de Condeixa-a-Nova fica situado na faixa litoral da região Centro, distanciando-se sensivelmente 192 km, a Norte, de Lisboa, 120 km, a Sul, do Porto e somente a 12 km da cidade de Coimbra. Confronta com os concelhos de Montemor-o-Velho a Noroeste, Coimbra a Norte, Miranda do Corvo a Nordeste, Penela a Sudoeste, Soure a Sudeste.



Figura 1: Mapa do concelho de Condeixa.

Condeixa-a-Nova é um concelho do distrito de Coimbra com uma área de 141.16 km dividida administrativamente em 10 freguesias com uma população acima dos 15.000 habitantes<sup>1</sup>. As dez freguesias são Anobra, Belide, Bem da Fé, Condeixa-a-Nova, Condeixa-a-Velha, Ega, Furadouro, Sebal, Vila Seca e Zambujal. Trata-se de um concelho plurifacetado, com motivos de grande interesse paisagístico, histórico monumental e etnográfico.

A vila de Condeixa-a-Nova é actualmente um complexo urbano com um forte dinamismo de crescimento surgindo cada vez mais como uma rótula urbano-industrial, no articulado dos tecidos produtivos e funcionais do Centro Litoral, que importa valorizar e qualificar, numa óptica de dotação estratégica de equipamentos, funcionalidade e monumentalidade mas num plano valorizador da qualidade de vida.

Embora caracterizado pelo predomínio de superfícies planas, o concelho surge enquadrado por um sistema montanhoso nas zonas sul e sudeste, sobretudo com as serras de Janeanes e do Furadouro. Tem um clima mediterrâneo e a abundância de águas correntes como por exemplo a ribeira de Alcabideque, o Rio dos Mouros entre outros.

Além destas belezas paisagísticas o concelho também é pródigo em património edificado, ou não tivesse sido um centro de fidalguia, como o atestam os seus muitos palácios, concentrados na vila ou dispersos pelos subúrbios. Estes palácios eram sobretudo o palácio dos Figueiredos (actualmente a Câmara Municipal), dos Sás, dos Almadãs (Pousada Santa Cristina), dos Lemos (Palácio Sotto Mayor) e por último o do Conde de Podentes, muitos deles são património classificado. São estes os palácios de que nos vamos acercar ao longo deste trabalho. Não nos podemos esquecer porém, que para a edificação da vila de Condeixa-a-Nova muito contribuiu a presença a cerca de

---

<sup>1</sup> Ver o site [www.cm-condeixa.pt](http://www.cm-condeixa.pt).

dois quilómetros de distância da antiga cidade romana de Conímbriga, actual cartão-de-visita desta vila.

## **1.2 Linhas gerais da sua História:**

Condeixa-a-Nova é tão velha como Portugal.

A cidade luso-romana de Conímbriga estabeleceu-se e floresceu num promontório rochoso avançado entre dois vales profundos, de um lado, hoje conhecido pelo rio dos Mouros e, do outro, a vertente setentrional.

É possível que depois da reconquista do território de Coimbra por Afonso II das Astúrias, no ano de 878, o abandono das ruínas foi definitivo, e os poucos habitantes que não fugiram, fundaram Condeixa, nessa vertente setentrional, onde ainda existe o lugar antigo<sup>2</sup>.

Nascido Portugal, com a expulsão dos mouros da região do Mondego no século XI, as terras de Condeixa passam a pertencer ao território de Coimbra. Estas terras foram dadas por D. Afonso Henriques ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Os frades do Mosteiro foram encarregues de colonizar as terras e do arroteamento.

Foi com a população islamizada de elementos cristãos, originários dos distritos do Norte do Mondego, e genuínos moçárabes, vindos de Espanha que os frades crúzios fundaram Condeixa-a-Nova.

No entanto, o nome Condeixa-a-Nova só apareceu escrito pela primeira vez em 1219, reinava então D. Afonso II, neto de D. Afonso Henriques e terceiro rei de Portugal.

---

<sup>2</sup> Augusto dos Santos Conceição, *Condeixa – a – Nova*, José Maria Gaspar, Coimbra, 1983, pág.13.

Condeixa-a-Nova nesse recuado do século XIII seria um pequeno lugar não superior a 800 metros quadrados, a crescer entre a actual igreja e a Rua Nova denominado hoje de Martins Carvalho, que o palácio dos Sás limitava.

Nos primeiros séculos da sua existência, Condeixa-a-Nova cresceu pouco, e no início do século XVI só contava com 20 fogos, motivo pelo qual nos anos de 1514 é elevado e julgado, ficando anexos a ela os povoados de São Fipo, Palha Cana, Valada, Outeiro e Condeixinha<sup>3</sup>.

Esta antiga povoação que apenas constava de um casal denominado Outeiro, foi elevado á categoria de vila com o nome Condeixa-a-Nova, quando em Outubro de 1502 o Rei D. Manuel se dirigia para a Galiza e passou pela localidade ficou tão fascinado pelo clima e pela paisagem que mandou construir uma Igreja. Mas só no dia 3 de Junho de 1514 foi Condeixa-a-Nova elevada a vila por D. Manuel I que lhe deu o foral passado em Lisboa<sup>4</sup>. Baptista de Lima era da opinião “ *que este foral foi dado a Condeixa-a-Velha, por ser mais antiga e, por signal, a mais populosa e não de Condeixa-a-Nova, que da Velha derivou e se tornou mais importante por melhor localização: entroncamento de várias estradas. O foral diz o mesmo autor, menciona apenas – Condeixa. Temos de ouvir que se trata da Velha, porque só depois é que a Nova viria a ter importância* ”<sup>5</sup>.

Mas apesar de Condeixa-a-Velha ser mais antiga, custa a crer que D. Manuel I lhe concedesse o foral em 1514 porque nesta altura a povoação esteve em período de grande decadência, acontecendo precisamente o contrário em Condeixa-a-Nova.

Depois da concessão do foral e três anos passados nomeadamente em 2 de Novembro de 1517 é que Condeixa-a-Nova é erigida em curato por escritura de Afonso

---

<sup>3</sup> Augusto dos Santos Conceição, *Condeixa – a – Nova*, pág. 14.

<sup>4</sup> Esteves Pereira, Guilherme Rodrigues, *Portugal Dicionário Histórico*, João Romano Torres, Lisboa, 1906, volume II, pág. 1114.

<sup>5</sup> Américo Costa, *Dicionário Corográfico de Portugal Continental – Insular*, Livraria Civilização, Porto, 1936, volume V, pág. 674.

Mancelos, sacerdote e notário apostólico, e fica planeado entre o cónego da Sé de Coimbra, o prior do Sebal, Fernão Pires e Pêro Afonso, procuradores dos habitantes de Condeixa-a-Nova, mas pertencentes á freguesia do Sebal. Esta combinação aprovada pelo Infante D. Afonso, como administrador perpétuo do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, foi confirmada por um alvará do rei D. Manuel I, dado em Almeirim e ainda pelo bispo-conde de Coimbra D. Jorge de Almeida.

Por causa do foral, e sobretudo devido á estrada Lisboa – Coimbra – Porto, é que Condeixa-a-Nova se foi desenvolvendo e crescendo bastante, de tal modo que em 1601 já tinha quase 200 fogos, ou seja entre 800 e 1000 pessoas.

Cópia  
Do Foral de Condeixa.

Lis.  
1715.  
Comarca  
Lisboa  
11  
Guarda  
Real Arquivo

Dom Manoel por graça  
de Deus Rey de Portugal, e dos Algar-  
ves d'aquem, e d'além mar, em Africa Senhor  
de Guiné, e da Conquista, Navegação, Com-  
mercio, da Ethiopia, Arabia, Persia, e da In-  
dia &c. A quantos esta Nossa Carta de Fo-  
ral dado a Nossa Villa de Condeixa vos em-  
fazemos saber, que vendo Nos quomo o Offi-  
cio do Rey não he outra cousa se não reger  
bem, e governar seus subditos em justiça, e igual-  
dade, ha qual não he somente dar ha cada  
hum ho que seu for, mas ainda não he  
requerir, nem levar, nem tomar ha ninguem,  
nem ho que a cada hum directamente per-  
tence: e visto isso mesmo quomo ho Rey he  
obrigado por ha carrego, que tem nas cousas,  
em que sabe seus Vassallos receberem agravos,  
e males lhes tolher, e tirar, posto que polos de-  
puniçães requerido não seja; querendo e vos

**Figura 2:** Cópia do foral de Condeixa. Maria Helena Andrade Ferreira, *A freguesia de Condeixa-a-Nova na segunda metade do século XVII*, Coimbra, 1971, pág. 12.

A povoação precisava de se ampliar mais e foi por este motivo “ *que lhe foi dada a rua de S. Jorge, por Francisco da Fonseca fidalgo da casa de Sua Majestade no ano 1523 e seu filho Heitor Teixeira de Macedo, fidalgo da casa de Sua Majestade e capitão – mor da cidade de Coimbra no ano de 1627*”<sup>6</sup>.

Passados dez anos em 1533 o auto dos juramentos respeitantes á posse dos juízes do termo da cidade de Coimbra que Condeixa – a – Nova constituiu um pequeno concelho. Elevou-se a esta categoria o lugar que em 1514 já subira a julgado.

Em 1514 Condeixa-a-Nova constitui-se em freguesia, como se regista no livro IV dos Padroados do Mosteiro de Santa Cruz, “ *Erecção da freguesia da Santa Cristina do concelho de Condeixa-a-Nova, tirada da freguesia de S. Pedro de Condeixa-a-Velha e da parte do Sebal, pelo Núncio, no ano de 1541*”<sup>7</sup>.

O lado poente do lugar de Condeixa-a-Nova pertencia á freguesia do Sebal e a parte nascente incluindo a Igreja Santa Cristina, pertencia á de Condeixa-a-Velha. Já na época quinhentista, Condeixa-a-Nova era uma das principais localidades do termo de Coimbra e a estrada de Lisboa já a trespassava. Faz-se-lhe referência na legislação da Câmara de Coimbra, com data de 15 de Abril de 1599: “ *Que visto os inconvenientes e estado do tempo se juntassem á 4ª feira no lugar de Condeixa-a-Nova por ser o mais cómodo, o mais nobre de todos os do termo da cidade e por nele já anteriormente se fazer o mesmo em idênticas circunstância*”<sup>8</sup>.

Portugal começou a viver da abundância dos resultados materiais nas viagens marítimas. Condeixa-a-Nova não podia deixar de beneficiar deste período de bem-estar económico, as ruas, desfeadas por casas que reflectiam o mesquinho e apagado viver da população, vão aparecer com bons edifícios solarengos, por pessoas da fidalguia que nela se fixaram.

---

<sup>6</sup> Augusto dos Santos Conceição, *Condeixa – a – Nova*, José Maria Gaspar, Coimbra, 1983, pág. 17.

<sup>7</sup> Augusto dos Santos Conceição, *Condeixa – a – Nova*, pág. 18.

<sup>8</sup> Augusto dos Santos Conceição, *Condeixa – a – Nova*, pág.18.

Segundo várias teses, os terrenos de Coimbra e circundantes eram na sua maioria bastante dispendiosos, o que fez com que os Senhores Eclesiásticos e Nobres, ao verificarem a existência de abundantes circuitos de água, paisagens verdejantes, e talvez pelo simples facto dos terrenos serem bem mais baratos, optaram por estabelecer – se em Condeixa e nas localidades á sua volta. Aí construíram os nobres belos Palácios que funcionariam como suas casas e que serão objecto de estudo no corpo deste trabalho.

O progresso é admirável em Condeixa, e é confirmado numa provisão de 30 de Janeiro de 1601 registada no Livro II da Correia da Câmara de Coimbra que nos indica ter lugar “ *perto de 200 vizinhos e ser um dos principais do Reino*”<sup>9</sup>. Nos finais do século XVIII, para favorecer a economia nacional, o Estado procedeu á abertura de estradas nacionais e uma das principais foi a ligação Lisboa - Coimbra, que passava por Condeixa. Com esta via de comunicação, Condeixa tornou-se um dos pólos de atracção para viajantes e homens de negócios que viram Condeixa como uma localidade próxima de Coimbra e com grandes capacidades de desenvolvimento.

Infelizmente, esta evolução é interrompida, no princípio do século XIX, com a 3.ª invasão francesa. A povoação e os arredores foram centro de lutas pela independência nacional e também foi no termo do futuro concelho de Condeixa-a-Nova, após o combate do Casal Novo e com a retirada de Massena, que a estrela de Napoleão começou a empalidecer. Expulso o exército de Napoleão, a semente das ideias liberais deixadas pelas suas tropas, deu origem á luta entre o vigente absolutismo de privilégios e o espírito democrático. Foram dezenas de anos de lutas, mas apesar deste vendaval todo, e da mercê dos esforços empregues pelo bacharel António Zeferino de Carvalho,

---

<sup>9</sup>Augusto dos Santos Conceição, *Condeixa – a – Nova*, pág. 19.

que no tempo exercia o cargo de provedor em Coimbra, da freguesia do Sebal, o lugar do Outeiro passou, no ano de 1834 a fazer parte da freguesia de Condeixa-a-Nova.

O lugar do Outeiro ficava num sítio ocupado pelas ruas do Dr. Simão da Cunha, da Fonte do Outeiro, pelos largos de São Geraldo e do Conde de Podentes e área da Escola Primária do Conde de Ferreira, esta conhecida pela Serrada, que era um antigo vínculo.

Só em meados desse século é que Condeixa-a-Nova alcançaria a emancipação administrativa que reclamava a que chegou por intermédio da rainha D. Maria II que, em 1838, a eleva a concelho (benesse que será suspensa e definitivamente restaurada em 1852) e, por fim á categoria de vila em 1845. Muito embora o foral manuelino lhe tivesse dado a categoria de vila, Condeixa-a-Nova não pôde aproveitar – se dela, por continuar a pertencer ao termo de Coimbra. A regalia tornou-se desnecessária.

Porém retomara o seu caminho. E bem digna pela sua localização, pelo seu desenvolvimento e pela sua riqueza urbanística.

Com o aparecimento do caminho-de-ferro no ano de 1864, que não chegou a Condeixa, como desejaram os engenheiros, (por um influente local se opor, devido ao facto de ter de atravessar as suas propriedades), a vila sofreu então, como não podia deixar de ser com a falta desse meio de comunicação, essencial para o desenvolvimento económico e crescimento populacional.

Esta decadência o Censo da População nos elucida que os 271 fogos e 1173 habitantes contados na vila em 1864, se reduziram, em 1878, a 249 fogos e 1775 habitantes. Com isto em nove anos diminuíram 22 fogos e aumentaram 2 habitantes.

Anos depois Condeixa-a-Nova consegue vencer a crise e continua a progredir, devido ao dinamismo da população e á sua riqueza do seu agro, a ponto de em 1900 já possuírem 414 fogos e 1692 habitantes<sup>10</sup>.

Mais tarde nasceu a República, na madrugada de 5 de Outubro de 1910. Não existir novas lutas, mas elas não vão dividir os condeixenses quando se trata da sua Vila e do seu concelho, porque colocam acima de tudo o engrandecimento da sua terra-mãe. A vila no primeiro quarto do século XX viveu um intenso período de franco progresso.

---

<sup>10</sup> Augusto dos Santos Conceição, *Condeixa – a – Nova*, pág. 21.

## Capítulo II

### 2 - As principais ruas de ligação aos Palácios

Antigamente, quem vinha do lado de Coimbra pela antiga Estrada Nacional tinha que entrar obrigatoriamente em Condeixa pela **Rua Francisco de Lemos**, não sem antes abordar o paço ou palácio dos Lemos Ramalhos.

Francisco de Lemos foi o primeiro Presidente da Câmara Municipal de Condeixa entre 1839 e 1845, por isso é que esta rua se chama **Rua Francisco de Lemos**.

O visitante quando entrava na **Rua Francisco de Lemos** ficava deslumbrado com os dois palácios que lá existiam, um em frente ao outro, o do Lemos Ramalho e dos Almadãs em permanente diálogo. Como se de pai e filho se tratassem, proporcionavam ao visitante a nobreza da entrada em Condeixa<sup>11</sup>.

A denominação da **Rua Francisco de Lemos**, foi atribuída já no final do século XIX, veio substituir o anterior topónimo de Rua de São João. Era uma designação que tinha a ver com o facto de nela ter existido uma capela dedicada a São João. Esta capela encontrava-se no paço dos Almadãs. Este templo foi mais tarde conhecido como sendo a capela da Senhora da Agonia.

Foi demolida em 1940, quando existiram obras na cerca do Palácio dos Lemos Ramalhos.

A partir desta altura as cerimónias do Senhor dos Passos foram realizadas na capela do palácio dedicada á Senhora da Agonia.

De seguida temos a **Praça da República**, que se tratava do antigo Terreiro (**imagem 3 e 4**). É por excelência, o centro cívico da vila. Tratava-se de um espaço de

---

<sup>11</sup> Artur Mendonça, José Magalhães Castela, Cândido Pereira, Joaquim Filipe Soares Rebelo, Paulo Marques Silva e José Amado, *Condeixa, paisagem, memória e história*, Paróquia Condeixa-a-Nova, Condeixa-a-Nova, Novembro de 2010, pág.51.

manifestações ao ar livre quer sejam políticas, económicas, religiosas, desportivas até culturais, ou seja, continua a ser um local de gerações.

Este antigo Terreiro é a sala de visitas da vila. É aqui que recebemos quem chega de novo.

A partir da Revolução em 1910, implantado que foi o novo regime político que depôs a Monarquia, passou a chamar-se **Praça da República**. Em 1930, na sequência da destruição das ruínas do Palácio dos Sás, devido ao incêndio que deflagrou também em dezenas de outras casas e unidades de produção em 1811, durante a terceira invasão francesa este espaço público foi amplificado até às dimensões actuais.

O Palácio dos Sás, cuja fachada encontrava-se a meio da actual praça era maior de toda a vila, conferindo a todo o conjunto de arquitectura palaciana aqui presente um valor que se perdeu para sempre.

Actualmente temos um pequeno palácio.

Depois da **Praça da República** vamos ter o também conhecido Largo da Igreja, por nele se encontrar a fachada da entrada da Igreja Matriz dedicada a Santa Cristina.

A esta rua foi-lhe atribuída o nome Largo Rodrigo da Fonseca Magalhães (**imagem 5**), no ano de 1883, por proposta do então Presidente da Câmara, Wenceslau Martins de Carvalho.

Rodrigo da Fonseca Magalhães nasceu em Condeixa, em 1788, integrou o batalhão na resistência contra o exército Napoleão e foi Presidente de Ministério, Ministro e Conselheiro do Estado. A ele se deve a criação do concelho de Condeixa e a passagem pela vila da Estrada Real – Lisboa – Porto<sup>12</sup>.

Em frente a este largo temos também o famoso **Largo Artur Barreto (imagem 6 e 7)**, o actual Largo da Câmara Municipal.

---

<sup>12</sup> Rosário Grilo e Fátima Bandeira, *Ruas e lugares da Vila de Condeixa*, Condeixa, 2002, pág. 13.

Foi primitivamente a Praça das Galinhas por nela se realizar a venda de galináceos, depois passou a ser conhecida também por Largo Rodrigo da Fonseca Magalhães.

O nome do **Largo Artur Barreto** deveu-se ao facto do Palácio dos Condes de Portalegre ou dos Figueiredos, aí situado, ter pertencido a Artur da Conceição Barreto falecido em 1925 que o herdou do seu pai Abílio Sá Barreto.

Durante as Invasões Francesas foi destruído grande parte do património da vila. Entre outros o Palácio dos Figueiredos que mais sofreu dos ataques do exército de Napoleão em 1811. Com algumas obras que vamos referir neste trabalho, nele funcionou o Tribunal e a sede do Clube de Condeixa.

A seguir ao **Largo Artur Barreto**, onde ficava situado o Paço, temos a Rua Dr. Simão da Cunha (**imagem 8 e 9**). Esta rua passa pela antiga Quinta do Hospício ou palácio do Conde de Podentes, estrada esta que ia em direcção a Conímbriga.

*“Até ao ano de 1999, ano da modificação do Nó da Faia, era por esta via que circulava todo o trânsito em direcção ao interior do distrito”<sup>13</sup>.*

Esta rua por decisão da Câmara no dia 8 de Fevereiro de 1884 tinha como nome Rua de Santo António, por nela se encontrar o Hospício de Frades Antoninos Franciscanos. Também foi conhecido como sendo a Rua do Outeiro, por se localizar numa colina ou outeiro. É um nome que vem referenciado pela primeira vez, num documento datado de 1434.

A criação de freguesia de Condeixa-a-Nova em 1514 não englobava ainda este local, o que só veio a acontecer em 1834. Até então esta zona pertencia a Condeixa-a-Velha.

---

<sup>13</sup> Rosário Grilo e Fátima Bandeira, *Ruas e Lugares da Vila de Condeixa*, Condeixa, 2002, pág. 20.

Nesta rua temos o **Largo do Visconde de Podentes (imagem 10)** mas continua a ser conhecido pelo nome Hospício ou Conde de Podentes, por lá se situar o palácio do Conde.

## Capítulo III

### 3 - Invasões Francesas

Vai ser a partir do início do século XIX que Portugal sofre com as duras invasões francesas. Em 17 de Outubro de 1807 Junot atingiu a fronteira portuguesa em Alcântara, donde dirigiu os portugueses uma descarada proclamação<sup>14</sup>. A 30 de Novembro começou a entrar em Lisboa, o denominado exército de Girona, sob o comando de Junot, enquanto as tropas espanholas transpunham as fronteiras do Sul e Norte, sem encontrarem nenhuma resistência.

Junot nomeou um conselho composto de franceses e portugueses, ocupou militarmente o país, com forças francesas e espanholas e, gorado o seu propósito de aprisionar o Príncipe-Regente, instalou-se em Lisboa, com a magnificência de um Rei.

A corte portuguesa embarcara no Tejo com destino ao Brasil, deixando o príncipe regente, D. João, recomendando ao povo e autoridades que recebessem, como amigos, os invasores<sup>15</sup>.

Napoleão ordenou que o exército português fosse enviado para a França e que se desarmassem as milícias. Foi assim desmembrado e transformado numa legião. Isso vai dar origem á Legião Portuguesa. Foi posta ao comando desta legião o Marquês Alorna tendo como oficiais superiores Gomes Freire de Andrade e Cândido José Xavier, entre outros, a Legião Portuguesa bateu-se valorosamente no cerco de Saragoça, nas Batalhas de Wagram e Iena e na campanha da Rússia, que sofreu grandes perdas<sup>16</sup>. Mas enquanto o exército Português estava na sua maioria no exterior, os soldados franceses e espanhóis confiscavam, roubavam e matavam para o seu belo prazer no nosso território.

---

<sup>14</sup> Afonso Eduardo Martins Zuquete, *Nobreza de Portugal e do Brasil*, Editorial Enciclopédia, Lisboa/Rio de Janeiro, vol. I, pág.669.

<sup>15</sup> Augusto dos Santos Conceição, *Condeixa-a-Nova*, pág.293.

<sup>16</sup> Afonso Eduardo Martins Zuquete, *Nobreza de Portugal e do Brasil*, vol. I, pág.669.

No entanto a resistência popular começava a organizar-se contra o invasor, e já em 1808 com a resistência por toda a parte e com a ajuda dos exércitos ingleses derrotaram os franceses, tendo estes fugido para a França.

Em Fevereiro de 1809, sob o comando do Marechal Soult, as tropas francesas invadiram o nosso território. O Marechal Soult instalou-se no palácio dos Carrancas, e em vez de marchar sobre Lisboa, começou a executar um plano de captação dos portugueses. Entretanto, em princípios de Março tinha chegado ao Tejo o general inglês Beresford, a quem se deu o título de marechal do exército português.

Em 1810 surgiu a 3ª invasão francesa comandada pelo Marechal Massena, com um exército poderoso e numeroso, que consegue aprisionar as localidades de Almeida e Viseu. Mas é no Buçaco que o exército Francês sai derrotado e mesmo derrotado caminha para Sul onde é travado nas fortificações de Torres Novas.

As invasões francesas representaram para Portugal uma enorme calamidade e foram horrorosas as violências que os franceses causaram, não poucos os males lhe vieram dos seus aliados de Inglaterra. A 3ª invasão excedeu as duas primeiras em ferocidade. Pode-se dizer que o caminho do exército de Massena através da Beira foi no fundo sulco de ruínas alagadas em sangue<sup>17</sup>. A população de Coimbra e arredores fugiu para as montanhas e pôs-se a vaguear pelos pinhais, onde foi cercada e condenada á morte.

No dia 28 de Setembro de 1810, a seguir á Batalha do Buçaco, na 3ª invasão francesa, Wellington deu ordem para evacuar aquela posição, dirigindo as suas divisões sobre Coimbra, numa retirada desordenada<sup>18</sup>.

Mas na noite do dia 1 de Outubro de 1810, a divisão inglesa de Craufurd, servindo de retaguarda, vai atravessar Condeixa-a-Nova, depois de já terem passado as

---

<sup>17</sup> Afonso Eduardo Martins Zuquete, *Nobreza de Portugal e do Brasil*, Editorial Enciclopédia, Lisboa/Rio de Janeiro, 1989, volume I, pág.677.

<sup>18</sup> Augusto dos Santos Conceição, *Condeixa – a Nova*, pág. 294.

outras divisões, causando uma maior surpresa, pois que festejando-se a vitória do Buçaco, eis que aparecia o exército vencedor em tal estado que mais se assemelhava a um exército vencido em debandada.

A confusão na população era enorme porque cada um procurava transportar os seus haveres, acompanhando a retaguarda do exército de milhares de mulheres, velhos e crianças, que iam ficando cheios de fome e cansados nas bermas das estradas. Os depósitos do exército, que havia na vila, não puderam ser evacuados, dando origem em que grande parte deles fosse destruída para que não fossem parar às mãos inimigas.

A soldadesca, aproveitando a ocasião, saqueou a vila, violando mulheres, e pilhando o que bom podia levar, exactamente como se fossem tropas inimigas<sup>19</sup>.

Neste mesmo dia o quartel-general de Wellington, estabelece-se na noite 1 para 2 de Outubro na Redinha. É no dia 4 de Outubro o 8º corpo francês, sob o comando de Junot, estabeleceu-se em Condeixa-a-Nova e proximidades, apoderando-se de alguns artigos, abandonados pelas tropas anglo-lusas. Estabelecendo-se assim o 6º corpo de Ney entre Vila Pouca e Condeixa-a-Nova.

Estes dois corpos do exército bem como o 2º que se encontrava na Venda do Cego ficaram concentrados na estrada de marcha. No dia a seguir, os corpos franceses puseram-se a caminho, depois de terem completado o saque. Condeixa-a-Nova foi roubada principalmente os seus objectos de valor, as mulheres foram violadas, viram o seu vinho e azeite entornados e o milho, o feijão e o trigo lançados á rua.

Depois da crítica situação em que ficou o exército de Massena em frente às linhas de Torres Vedras, ordenou a retirada sobre Coimbra, e no dia 10 de Março de 1811, a brigada do comando de Marcognet composta pelos regimentos 39º e 76º, vai ocupar novamente Condeixa-a-Nova.

---

<sup>19</sup> Augusto dos Santos Conceição, *Condeixa – a – Nova*, pág. 294.

No dia 11 de Março concentrou – se em Condeixa a divisão de cavalaria de Montbrun com o fim de se aproximar do Mondego, reunindo em Condeixa o material para o lançamento das pontes. Partia no dia 12 com dois regimentos de cavalaria e 2 companhias de sapadores, a fim de verificarem as proximidades de Pereira.

Neste mesmo dia ficou o 6º corpo, do comando de Ney, ordenado entre a Redinha e Condeixa. Fazia parte deste comando, o comandante da 3ª divisão, o general Loison, divisão esta que ocupou a Fonte Coberta e a Póvoa das Pegas, tendo colocado os postos avançados ao Sul e a Oeste da povoação, sobre o caminho do Rabaçal e Condeixa-a-Nova. As divisões de Claussel e Solignac estavam ordenadas ao norte e sul de Condeixa, onde estava estabelecido o quartel-general.

Foi no dia 12 de Março o combate á Redinha. *“A parte dele assistiu Massena, da Serra da Senhora do Circulo, retirando para Condeixa-a-Nova, depois de ter recomendado a Ney que detivesse a marcha do inimigo o mais tempo possível. Depois deste violento encontro, Ney continuou o movimento de retirada, indo ficar na noite de 12 para 13 á Fonte Coberta, onde foi estabelecido o seu quartel-general”*<sup>20</sup>.

O 6º corpo estava muito perto do Mondego, não havendo espaço para manobrar. Massena não podendo contar com este êxito seguro quis por isso garantir uma linha de retirada sobre Alva, pelo que deu ordem de evacuação de feridos, sobre Miranda do Corvo.

Foi no dia 13 de Março que as tropas de Massena evacuaram Condeixa-a-Nova e seus arredores, marchando pelo caminho enterrado e difícil que se segue ao longo da ribeira de Alcabideque, tendo Ney, abandonado a vila, mandando – lhe deitar fogo, que se estendeu a cerca de 40 edifícios, inclusive a Igreja Matriz que foi também queimada ficando em péssimo estado. Foi posteriormente restaurada e apesar dos estragos do

---

<sup>20</sup> Augusto Santos Conceição, *Condeixa – a – Nova*, pág. 295.

incêndio apresenta ainda bons elementos da arquitectura Manuelina e da Renascença Italiana.

Os seus palácios e principais casas, foram devoradas pelo incêndio depois de terem sido pouco antes saqueados pela tropa indisciplinada e ébria.

Rodrigo da Fonseca Magalhães que era estadista e natural de Condeixa escreveu este horrível acontecimento num soneto<sup>21</sup>:

«Condeixa amena, que eras ainda há um ano

Que o paraíso do Éden mais mimosa

Que torrente de estragos lastimosa

Eclipsou o teu ilustre, soberana?

Breve quis dar-te o Fado deshumano

A sorte de Palmira desditosa

Vê riscando a lembrança lacrimosa

Ao longínquo futuro do teu dano.

Tudo cedeu à chama devorante

Que ateadada com horrível impiedade

---

<sup>21</sup> Augusto Soares D`Azevedo Barbosa de Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno*, Lisboa, volume II, 1874, pág. 24,

Qual Tróia, te abraçou num breve instante.

Pátria minha, a quem não farás piedade?!

Oh! Veja-se em tua cinza ainda fumante

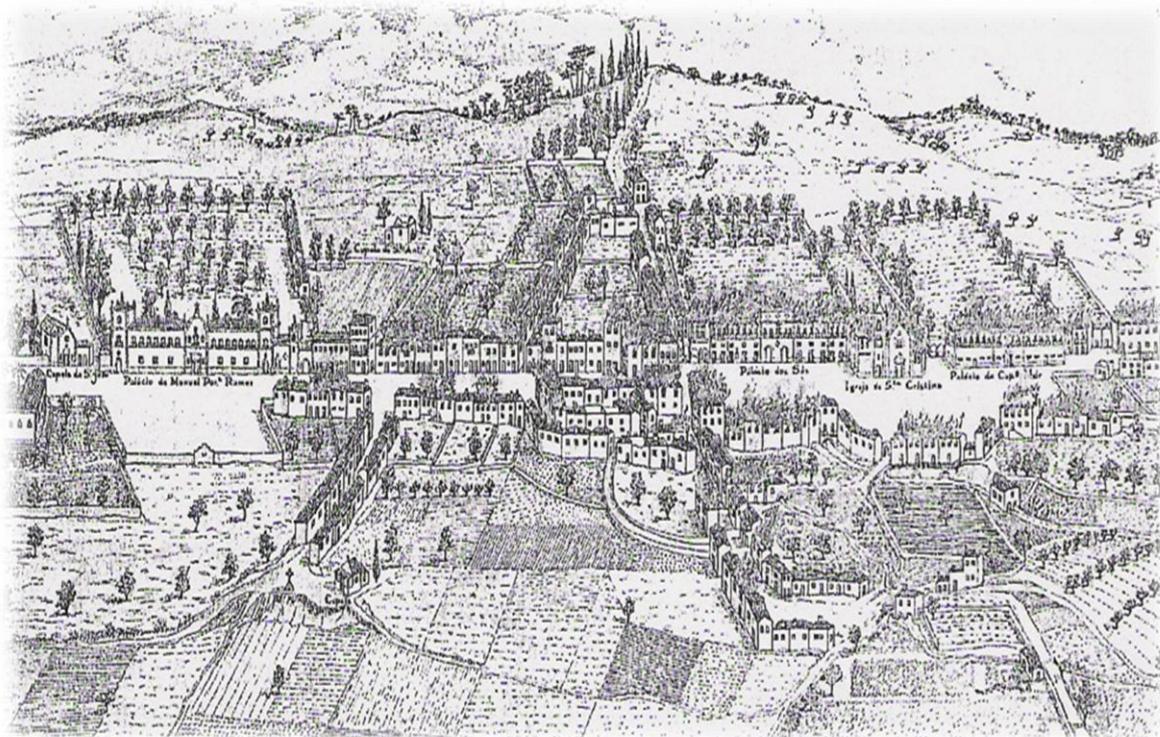
Das grandezas do mundo a curta idade»

Entre as casas que escaparam á devastação, uma delas foi o palácio Sotto Mayor que na altura pertencia ao desembargador Manuel Pereira Ramos<sup>22</sup>. O motivo para tal acontecimento não se sabe, mas o facto é que deu muito que falar na altura. O povo supôs que o proprietário terá “ comprado” as tropas para assim salvar o edifício e os seus pertences. Pode afirma-se, sem receio, que Condeixa-a-Nova foi a localidade mais martirizada com as invasões franceses.

---

<sup>22</sup> Esteves Pereira, Guilherme Rodrigues, *Portugal Dicionário Histórico*, João Romano Torres, Lisboa, 1906, volume II, pág.1114

Félix Lourenço, militar mutilado pelas tropas Francesas, nessa noite tenebrosa, desenhou com a mão esquerda a vila em chamas<sup>23</sup>.



**Figura 3:** Vista de Condeixa a arder durante a 3ª invasão Francesa, em 1811, segundo desenho da época de Félix Lourenço recriado pelo pintor João Pocinho. (imagem fotocopiada e ampliada de Miguel Pessoa, *Praça da República em Condeixa,*” Revista Algar”, Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova, Condeixa, 2001, volume II, pág.27).

<sup>23</sup> Augusto Santos Conceição, *Condeixa – a – Nova*, pág. 298.

## Capítulo IV

### 4 – Palácios de Condeixa-a-Nova



**Figura 4:** O mapa com os palácios de Condeixa-a-Nova.

#### 4.1 - Solar da Quinta de São Tomé

##### 4.1.1 História:

O Solar do Visconde de Valdemouro mais conhecido como a Quinta São Tomé, segundo o Capitão Santos Conceição, é o terceiro a ser construído neste local. O primeiro datará do século XV/XVI, o segundo de 1705, como podemos ver numa inscrição que se encontra no local e por último o terceiro, de 1869, ao tempo do rei D. Luís I.

A Quinta de São Tomé, era também um velho solar dos Figueiredos de Condeixa e encontra-se hoje em completa ruína, dela restando algumas paredes. A sua grande casa, de reconstrução do século XIX, encontra-se abandonada. Esta quinta era,

no século passado urna das mais extensas e ricas do distrito de Coimbra, sendo grande produtora de cereais, vinho, azeite e hortaliça.

Esta quinta foi também guardada pela família Pinto e os três importantes portões de ferro eram abertos de manhã, às Trindades e fechados á noite, pelas Trindades do fim do dia solar. Dentro, apenas ficavam os moradores, a referida família Pinto que cuidava da manutenção da casa.

Pouco mais sabemos sobre os proprietários deste palácio existindo muita pouca informação sobre este assunto.

A Quinta de São Tomé encontra-se na grande plataforma de tufo calcário onde assenta Condeixa-a-Velha e a sua Almedina (nome tradicional e persistente da sabedoria local referente a Conímbriga.)<sup>24</sup>

Foi até á primeira metade do século XX um cruzamento de importantes passagens entre as freguesias. E disto temos um bom exemplo, ao tempo do último feitor (década de 1980), ainda existirem 18 rendeiros dos terrenos da Quinta de São Tomé, como por exemplo José Maria Baptista, Joaquim Anselmo, António Pereira, Américo Apóstolo, José Beja, Joaquim Beja, Francisco Freire, Júlio Roque, Joaquim Egas, Jaime Oliveira Amado, António dos Santos, José Flato, Joaquim Gorgulho e por último Manuel Ruivo, oriundos de várias localidades circundantes, tais como Atadoa, Condeixa-a-Velha, Condeixa-a-Nova, Senhora das Dores e Valada.

Esta Quinta, com muito regadio estava localizada no território da Junta de freguesia de Condeixa-a-Velha e integrava também terrenos de sequeiro, olival, pinhal e matos.

---

<sup>24</sup> Miguel Pessoa, Lino Rodrigo, "Museu de Condeixa - Um programa museológico para uma Condeixa de Sempre – Solar da Quinta de S. Tomé – Centro Cultural de Condeixa", *Arquivo Coimbrão*, Boletim da Biblioteca Municipal, Coimbra, 2004, volume XXXVII, pág.243.

A Quinta tem a seu poente, a Vila, a Estrada Nacional nº 1 e a contígua Auto-Estrada que liga o Norte e sul do país. O IC3 e EN447, que lhe ficam próximas, ligam por sua vez o interior serrano ao litoral atlântico.

O palácio encontra-se próximo de notáveis vestígios da época pré-histórica da Eira – Pedrinha e de outros e muitos vestígios de épocas posteriores o que ilustra bem a excelência da “Água, Terra e Homens” ao longo dos sucessivos tempos e reforça bem o texto de Raul Iturra (1989, página 310) quando este diz que:

*“o historiador, que anota a sucessão das épocas e as suas características, não pode de modo algum deixar de ver o artefacto, porque o do ciumento que lhe entrega a relação social só é compreensível na acção, e a acção do passado de modo nenhum está morta dado que vive na acumulação do presente etnográfico e na cultura material cuidadosamente colectada, classificadas geograficamente, contextualizada na sua heterogeneidade, anotada nos livros que no – las explicam, preservada como texto no texto ordenado do museu, nas cores, nas máscaras, nos filmes, nas fotografias, nos discípulos em cuja memória perdura a maneira de entender a necessidade de colectar (...)”<sup>25</sup>.*

#### **4.1.2 Descrição do palácio a nível arquitectónico:**

##### **Perspectiva frontal do Solar:**

O solar representa um corpo central com uma fachada modulada em 5 vãos no piso térreo é igual ao número do andar nobre. No piso térreo os vãos alternam em 3 portas e 2 janelas, fazendo um conjunto simétrico. No andar nobre temos 5 janelas de sacada com gradeamento, este corpo no seu todo, apresenta uma composição própria do

---

<sup>25</sup> Miguel Pessoa, Lino Rodrigo, ” Museu de Condeixa - Um programa museológico para uma Condeixa de Sempre – Solar da Quinta de S. Tomé – Centro Cultural de Condeixa” *Arquivo Coimbrão*, Boletim da Biblioteca Municipal, Coimbra, 2004, volume XXXVII, pág.244.

século XVII, acentuada pelos remates direitos, superior ao das janelas de sacada **(imagem 11, 12 e 13)**.

O corpo lateral direito é constituído por janelas em arco de volta perfeita, trata-se de uma característica da arquitectura oitocentista, tanto no piso térreo como no andar nobre. As janelas, apresentam molduras na nascença dos arcos e pedra saliente no fecho do arco. O andar nobre, qual loggia, é servido por uma larga escada exterior com finos e sóbrios gradeamentos laterais e degrau de convite. A janela lateral, á entrada, é de sacada com gradeamento, o que confere mais destaque ao topo de entrada. Sob esta janela temos um arco desguarnecido de volta perfeita e, em baixo temos o canal da água, servido pela ribeira de Alcabideque, que alimenta os três pares de mós do moinho do Solar e as regas de terras envolventes.

Por último, representa o corpo lateral esquerdo com a capela do Solar. No topo, podemos ver um espaço saliente relativo ao altar. Na parte superior desta saliência está colocado o brasão da família, ladeado por ornatos em voluta. Na face lateral virada para o pátio existem 2 vãos, uma porta e uma alta janela, ambas de arco em ogiva, de estilo neo-manuelino, do século XIX, tão ao gosto do romantismo português. Vai deixar de ver, a altaneira, bem destacada de todo o edifício, a nobilitante e larga chaminé, pontuada de ameias e merlões aguçados, bem ao gosto do revivalismo romântico.

O portal nobre da entrada principal da cerca do Solar é de cantaria. Apresenta uma certa nobreza, dado que o calcário é fino em presença e o refendido dos pilares. Esta é uma entrada oitocentista que está centrada com a fachada antiga do Solar, onde apresenta uma soleira e batente, ao centro como elegante portão de ferro forjado, com abertura parcial de serviço **(imagem 14)**.

### **Fachada poente do Solar:**

A fachada poente do solar tem como primeiro plano, a estrada que dá acesso à entrada poente da entrada do Solar (antiga estrada Alcabideque – Condeixa) e num plano recuado, a árvore ornamental mais alta – uma Figueira-da-índia ou Magnólia, vulgarmente dita “*árvore macaca*”<sup>26</sup>.

Tem, no espaço envolvente, uma armação de cana para feijão verde de trepa. Apresenta 7 janelas de guilhotina no andar nobre e cinco vãos no rés-do-chão, sendo 4 janelas gradeadas e uma porta central (**imagem 15 e 16**).

### **Andar nobre:**

No andar nobre existe um monograma em relevo, que contém uma inscrição “AR” em caligrafia inglesa (**imagem 17**). Esta inscrição encontra-se no corpo lateral direito, do andar nobre no fecho do arco da larga porta da entrada do Solar. O monograma era comum, durante o romantismo, em finos acabamentos de talheres, em loiça de porcelana, no enxoval, em bordados, em instrumentos musicais e de sopro. Por baixo, o tímpano do arco da porta é moldurado de madeira densa<sup>27</sup>.

### **Cozinha:**

Neste solar existe uma cozinha rica em azulejo (**imagem 18**). Esta cozinha encontrava-se no corpo central do Solar. É larga e profusamente azulejada, a azul e branco, tendo o azulejo como padrão principal, motivo floral com florão de oito pétalas, alternando com uma pequena flor de quatro pétalas. Este azulejo é, possivelmente, produção coimbrã dos finais do século XVII.

---

<sup>26</sup> Miguel Pessoa, Lino Rodrigo, “Museu de Condeixa - Um programa museológico para uma Condeixa de Sempre – Solar da Quinta de S. Tomé – Centro Cultural de Condeixa” *Arquivo Coimbrão*, volume XXXVII, pág.247.

<sup>27</sup> Miguel Pessoa Lino Rodrigo, “Museu de Condeixa - Um programa museológico para uma Condeixa de Sempre – Solar da Quinta de S. Tomé – Centro Cultural de Condeixa” *Arquivo Coimbrão*, volume XXXVII, pág. 245.

### Capela:

Perspectiva frontal da Capela encontra-se próxima da entrada virada a poente, entrada esta que exige um portão de ferro, soleira e pilares de cantaria com capeamento.

Podemos ver um arco sineiro, onde o brasão é circundado de orifícios de fixação de pano de luto, e a inscrição com a data de 1705 e, ainda pináculos neo-manuelino, bem como cimalkas molduradas de calcário de cor creme (**imagem 19**).

Na porta da capela encontramos um detalhe muito importante onde nos apresenta um arco em ogiva e profusos motivos neo-manuelinos. As janelas também são neo-manuelinas (**imagem 20 e 21**). No tímpano exibe, sobre a porta, uma inscrição moldurada, em letra gótica, *Thomaz Didymus*, nome o cognome de S. Tomé, pelo qual é conhecido sobretudo no Oriente (**imagem 22**)<sup>28</sup>.

No interior da capela as únicas coisas que se mantêm até hoje são os dois brasões que lá existem.

Estes brasões são ambos encimados por um elmo de viseira fechada. Os seus escudos apresentam respectivamente, cinco folhas de figueira e as letras A e I, uma de cada lado. O brasão inferior apresenta um leão coroado sobre o elmo e é, todo ele, envolvido por paquife de folha de acanto com seis enrolamentos e quatro aletas laterais (**imagem 23**). Neste brasão é ainda visível a representação de duas correias. Esta pedra de armas foi retirada, provavelmente no início do século XVIII, da fachada do Paço dos Figueiredos, em Condeixa-a-Nova, hoje Paço do Município<sup>29</sup>.

No tecto da capela também podemos ainda encontrar alguns vestígios da sua decoração (**imagem 24**). Apresenta um estuque moldado e pintado, de grande simplicidade. Os ângulos interiores das molduras apresentam folhas de figueira de relevo.

---

<sup>28</sup> Miguel Pessoa, Lino Rodrigo, "Museu de Condeixa - Um programa museológico para uma Condeixa de Sempre – Solar da Quinta de S. Tomé – Centro Cultural de Condeixa", pág. 246.

<sup>29</sup> Miguel Pessoa, Lino Rodrigo, *Arquivo Coimbrão*, volume XXXVII, pág.247.

No solo da capela estão ainda os túmulos de alguns dos seus antigos senhores, pessoas que fizeram parte da história da vila.

**Moinho do Solar:**

O moinho encontrava – se no corpo lateral direito, no rés-do-chão (**imagem 25**). Apresentava três pares de mós e respectivas moegas, medidas, panaria alva, sacaria e outros.

**Projecto de restauração da Quinta de São Tomé que será transformado em Museu Multimédia em 2013:**

“ *«É um projecto cultural em rede», que faz parte da rota da romanização, que inclui os concelhos de Condeixa, Penela, Ansião, Alvaiázere e Tomar, mas também um «projecto cultural que pretende ligar Conímbriga a Condeixa» e, por outro lado, «pretende recuperar um património local relativamente ao qual os condeixenses têm uma relação afectiva muito forte».*

*Em síntese, de acordo com Jorge Bento, presidente da Câmara de Condeixa, são estas as três ordens de razões que levaram a autarquia a empenhar-se neste projecto e a procurar soluções. Depois de várias hipóteses, goradas, a solução surgiu, através do Poros – Museu Multimédia, que pretende recriar a cidade romana de Conímbriga, de uma forma lúdica e pedagógica, recorrendo às novas tecnologias e fiel a um programa de rigor.*

*O museu vai surgir no palácio da Quinta de São Tomé, uma zona que, sublinha Jorge Bento, «representa um espaço de grande afectividade para a população de Condeixa», que há uns anos passou a integrar o património do município. Em avançado estado de degradação, impunha-se, no entender do autarca, uma solução, não apenas que travasse a ruína, mas também que salvaguardasse as memórias desse mesmo espaço emblemático e, se possível, criar uma mais-valia para Condeixa. Isto porque, apesar de*

*as ruínas da cidade romana e o núcleo museológico de Conímbriga pertenceram a Condeixa, a verdade, reconhece Jorge Bento, é que «o fluxo de visitantes “passa ao lado” de Condeixa», particularmente, refere, a partir do momento em que foi construída a variante Sul do IC3. «Consideramos que é importante criar essa ligação», afirma o presidente, enfatizando que «nada disto está a ser feito contra ou nas costas de Conímbriga, bem pelo contrário, há um envolvimento de Conímbriga, e particularmente do director do Museu Monográfico. O objectivo explica o autarca, «é criar uma estrutura cultural e museológica que permita fazer o interface entre estes dois pólos» e, por isso, não se trata de um museu, no sentido tradicional, mas de um espaço multimédia e virtual, onde será possível, por exemplo, conhecer o Fórum Romano de Conímbriga, mas animado, com vida, de forma a permitir uma percepção o mais aproximada possível relativamente ao que era, no tempo dos romanos, a vivência efectiva daquele espaço. Um projecto que, no entender de Jorge Bento, tem uma componente pedagógica «particularmente importante» que, de resto, o projecto quer salvaguardar, acautelando todo o «rigor científico». A Quinta de São Tomé passará, então, a funcionar como uma espécie de “aperitivo” para os visitantes de Conímbriga. Mas há mais. Jorge Bento considera que este projecto que pode potenciar a Rota da Vila Sicó, uma rota da romanização que inclui Condeixa, Penela, Ansião, Alvaiázere e Tomar, cada um com os seus pólos de interesse ligados ao mundo da romanização. «Acreditamos que quem visita um pólo tem interesse em visitar os restantes», diz, considerando que não se trata de um programa isolado, mas que faz parte de «uma rede estruturada», com uma oferta diferenciada, que tem a romanização como elemento de ligação e continuidade.»<sup>30</sup>.*

---

<sup>30</sup> Ver o site [www.cm-condeixa.pt](http://www.cm-condeixa.pt).



**Figura 5:** Projecto de restauração da Quinta de São Tomé.

Como podemos ver na figura 5, este vai ser o aspecto da renovada Quinta de São Tomé, direccionada agora para o mundo romano. É um projecto extremamente audaz e ambicioso que está a nascer neste preciso momento, já que o espaço estava completamente abandonado. Abandonado e em ruínas são as palavras correctas para descrever o estado em que a Quinta de São Tomé se encontrava nos últimos anos. E não deveria ser assim tratado o nosso património histórico, património esse “valioso” em termos de memórias e que nos ajuda a perceber um pouco melhor o nosso passado.

Este projecto do novo museu multimédia penso que vai aproximar de sobremaneira a população condeixense às Ruínas de Conímbriga, porque apesar de Conímbriga distar apenas 2 quilómetros de Condeixa, a população mostra-se muito afastada do seu património. É vantajoso para a vila porque com toda a certeza vai trazer novos visitantes e tentar dar assim um novo impulso ao comércio local que nesta altura se encontra estagnado. Vai ser igualmente um pólo de ligação entre as várias populações que tem no seu património histórico vestígios romanos, como podemos ver na notícia acima transcrita e retirada do site da Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova.

## **4.2 - Palácio dos Figueiredos da Guerra**

### **4.2.1 História:**

Este palácio actualmente é conhecido pela Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova (**imagem 26**). Antigamente tratava-se do Palácio dos Figueiredos da Guerra ou dos Condes de Portalegre, situa-se no centro da vila no Largo Artur Barreto, próximo da Igreja Matriz a contrariar a suposição de que os solares, paços e famílias de abastança a viver as leis da nobreza optavam por espaços rurais, campestres e menos urbanos o que não era o caso deste palácio.

Este edifício foi destruído aquando as invasões francesas, ficando só uma imponente fachada.

Foi classificado como Imóvel de Interesse Público pelo, Decreto – lei Nº 181/70, em 28 de Abril de 1970.

### **4.2.2 Proprietários:**

Este palácio pertenceu aos Condes de Portalegre no segundo terço do século XVII. Foi citado como o palácio do Capitão-Mor, e este era fidalgo da Casa de Bragança. Os Figueiredos tiveram origem remota no Alvor e fixaram-se em Condeixa-a-Velha na Quinta de São Tomé. Em meados do século XVII como se confrontava com o velho solar dos Figueiredos da Quinta de São Tomé foi adquirido por Martim Gomes de Figueiredo. A sucessão da casa dos Figueiredos coube ao filho de João Rodrigues de Figueiredo, de D. Luísa da Guerra e Pedro de Figueiredo Guerra.

Por ser pequeno e se encontrar em ruínas, foi restaurado por João Rodrigues Figueiredo no século XVII, terceiro neto de Martim Gomes de Figueiredo, desde esse restauro ficou conhecido como o Paço dos Figueiredos de Condeixa e Paço do Capitão-Mor. Na vila perdeu-se a memória desta família ilustre, que possivelmente concorrera para o seu progresso.

Foi dos Figueiredos de Condeixa que se formou a casa de Figueiredos de Vagos, pelo casamento de D. Paula Luísa de Melo Soutomayor com António Vicente Rodrigues Branco de Matos Pessoa, cavaleiro-fidalgo da Casa Real. Esta senhora era filha de António de Figueiredo da Guerra e foi baptizada em Condeixa-a-Velha, no dia 10 de Janeiro de 1734<sup>31</sup>.

No século XVIII parte do palácio passou para João Cabral da Silva, fidalgo da casa real, casado com D. Francisco de Vasconcelos e Sousa, irmã do Dr. Francisco de Vasconcelos e Sousa, Gramacho Brandão Arnaut, desembargador da Casa da Suplicação.

Herdaram-nos seus filhos João Cabral da Silva de Vasconcelos, doutor de Teologia, capelão-fidalgo da Casa Real e cónego-magistral da Sé de Braga e D. Teresa Vitória Cabral da Silva Vasconcelos<sup>32</sup>. Quando estes faleceram a parte que pertencia aos Cabrais passou por testamento para a sua prima D. Maria Manuela de Vasconcelos e Sousa de Nápoles e Meneses, e a outra parte para D. Maria do Carmo Fortunata.

Depois das invasões francesas e do grande incêndio que deflagrou em toda a vila, o palácio ficou em ruínas. No início do século XIX, pertencia ao 6º Morgado de São Tomé, José Joaquim de Figueiredo da Guerra de Carvalho e Melo que morreu afogado no Mondego, em 1857, quando ainda era estudante em Coimbra. Os seus herdeiros em 1857, venderam metade do edifício a Albino Justiniano de Carvalho, e a um dos herdeiros da família Cabral da Silva venderam a outra metade.

Na escritura de venda dizia-se que o palácio era conhecido por ser dos Cabrais. Mas uma pintura representando Condeixa-a-Nova em chamas, durante a 3ª invasão francesa, mostra – nos no entanto que o palácio era do capitão-mor<sup>33</sup>.

---

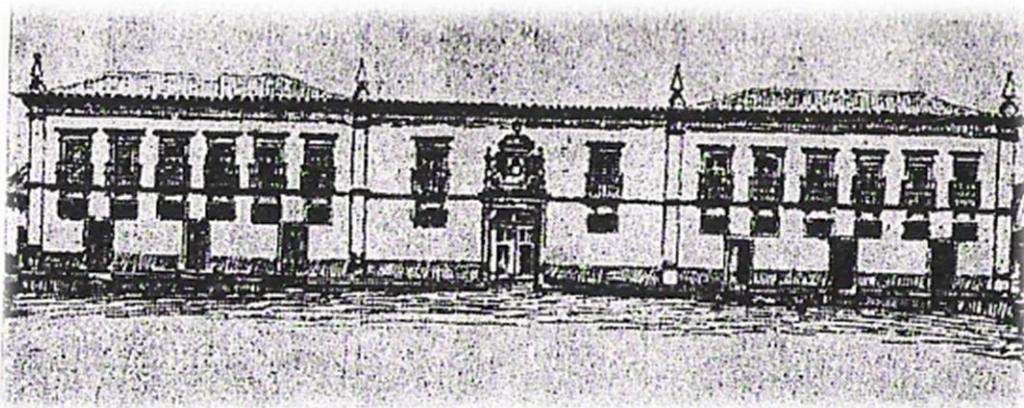
<sup>31</sup> Augusto dos Santos Conceição, *Condeixa – a – Nova*, pág.58.

<sup>32</sup> Augusto dos Santos Conceição, *Condeixa – a – Nova*, pág.58.

<sup>33</sup> Augusto dos Santos Conceição, *Condeixa – a – Nova*, pág. 59.

Depois desta invasão construiu-se um palácio respeitando a primitiva da arquitectura e o traçado do século XVII com a morte de Albino Justino de Carvalho, o palácio passou para o seu irmão Abílio Roque de Sá Barreto, que o transmitiu por herança ao seu filho Artur da Conceição Barreto. Este benemérito e presidente da Câmara de Condeixa fizeram a doacção do palácio á Fundação Dona Ana de Laboreira d' Eça. Desde então ate 1986 o palácio teve várias funções, desde de serviços públicos a privados, como tribunal, casa de comércio, oficina, armazém, consultório médico, biblioteca pública, sede de Junta de Freguesia de Condeixa-a-Nova entre outras utilizações<sup>34</sup>.

A Câmara na pessoa do Presidente José Aires da Costa comprou-o á Fundação do Hospital em 7 de Abril de 1973, é já em 1986 começaram as obras de restauro do Palácio. Mais tarde viria a ser inaugurado como sede dos Paços do Concelho e em 30 de Junho de 1990, na presença do então Presidente da República Mário Soares, utilização que mantém actualmente.



**Figura 6:** Palácio antes do restauro para os fins actuais.

---

<sup>34</sup> Artur Mendonça, José Magalhães Castela, Cândido Pereira, Joaquim Filipe Soares Rebelo, Paulo Marques Silva, José Amado, *Condeixa, paisagem, memória e história*, Paróquia Condeixa-a-Nova, Condeixa-a-Nova, Novembro de 2010, pág.23.

#### 4.2.3 Descrição do palácio a nível arquitectónico:

É um edifício dividido em três corpos por meio de pilastras com um pátio interior de onde se elevam duas escadarias que dão acesso ao andar superior ligadas entre si por uma varanda.

É uma construção residencial, maneirista de linhas direitas, amplas portadas regulares encimadas por vergas salientes e de sacadas apoiadas por um par de mísulas a mostrar a sóbria majestade no andar nobre separado pelo piso inferior ou térreo por um friso contínuo a percorrer a base das sacadas do andar superior (**imagem 27 e 28**).

Ao nível da planta, esta é em U fechado, já que são unidas por um alto muro á altura dos corpos laterais, com divisões no andar superior e no andar térreo abre-se um portão que dá acesso ao interior do pátio, o que antigamente permitia o acesso a carruagens (**imagem 29**). A planta em U é a tipologia que melhor caracteriza a arquitectura civil seiscentista, a sua necessidade de ordem e regularidade caracteriza-se numa aplicação sistemática da simetria. A planta em U tem duas variantes, a planta aberta e a planta fechada, consoante os muros encerram ou não o pátio central como o palácio dos Figueiredos que é caracterizado por uma planta fechada.

O projecto que existe neste momento, não foi totalmente concluído, já que o palácio teria uma cobertura do seu pátio interior e que não foi feito. O palácio no século passado apresentava também na sua fachada seis portas ao nível térreo que seriam três no corpo norte e três no corpo sul com o portal de entrada ao centro (**imagem 27**). Estas portas seriam entre o espaço das janelas no piso térreo, o que foi de estranhar já que a estrutura do edifício seria menos resistente. O que leva crer que estas portas seriam para uso do comércio já que se situavam no piso térreo. Mas foram retiradas quando se fizeram as obras de restauro para fins actuais.

## **Fachada**

### **Alçado principal:**

Como já referimos a frontaria era constituída por três corpos no mesmo plano, separadas por pilastras. No corpo central existe uma porta que dava acesso ao interior do pátio (**imagem 30**).

Os panos laterais correspondem aos corpos laterais e têm igual número de vãos, sendo vinte e quatro na totalidade, distribuídos simetricamente, seis em cada registo, possuindo no registo inferior, janelas jacentes em capialço e no registo superior, janelas altas com as vergas sobrepostas por uma cornija arquitravada dando para sacadas em cantaria com guardas de ferro, apoiadas em mísulas volutas (**imagem 31**).

É composto por uma harmoniosa fachada nobre, de feição urbana, com sete janelas de cada lado da entrada no andar nobre, e sete janelas gradeadas e com uma cantaria chanfrada também de cada lado da entrada do piso térreo (**imagem 32 e 33**).

No pano central, que corresponde á galeria, sobressai um portal com pilastras toscanas, sobrepostas á moldura da porta, que simula capitéis jónicos nos ângulos superiores internos, verga arquitravada encimada por um brasão com uma moldura de decoração vegetalista e aletas volutas, flanqueado por pináculos em forma de botão sobre plintos bipartido, inferiormente formados por volutas estilizadas, sendo o remate em frontão curvo interrompido, com um ramallete de folhas de acanto.

### **Alçado posterior:**

Apresenta três corpos, sendo dois deles, os laterais mais recuados em detrimento do principal. Nos laterais podemos ver que o corpo sul tem duas janelas no piso nobre que são delimitadas por pedra e dois no piso térreo, sendo que estas são todas envidraçadas (**imagem 34 e 35**).

No corpo norte vamos ter três janelas no piso nobre e três janelas no piso térreo, mas estas tal e qual como as do corpo sul também são envidraçadas.

O corpo principal é o mais uniforme cerca de um metro em relação aos laterais e é constituído por dois corpos divididos por pilastras, sendo o mais pequeno para sul e tem duas janelas no piso nobre, e um portão no piso térreo delimitado por pilastras e por um arco pleno (**imagem 34 e 35**).

No corpo norte vamos ter cinco janelas no piso nobre e quatro janelas no piso térreo, sendo dois deles de cada lado da entrada que é um portão com um arco abatido e delimitado por pilastras.

No tardoz temos uma arquitectura mais simples que dá acesso directo ao quintalão murado que lhe era adjacente<sup>35</sup> (**imagem 36**).

#### **Alçado lateral esquerdo:**

Este alçado é delimitado nos extremos por pilastras e tem duas portadas regulares encimadas por vergas salientes e de sacadas separadas pelo piso inferior contínuo a percorrer a base das sacadas do andar superior (**imagem 37**). Tem ainda um pequeno óculo entre as duas portadas no piso nobre.

#### **Alçado lateral direito:**

O alçado lateral direito é composto por duas portadas regulares encimadas por vergas salientes e de sacadas, separadas pelo piso inferior contínuo que percorre a base das sacadas do andar superior tal e qual como o alçado lateral esquerdo. Também é delimitado nos extremos por pilastras e tem um pequeno óculo no piso nobre. No piso térreo temos duas janelas que correspondem às portadas do piso superior e com gradeamento de ferro (**imagem 38**).

---

<sup>35</sup> Miguel Pessoa, Lino Rodrigo, *Palácio Figueiredo da Guerra*, Munda nº 47, Coimbra, Gaac, 2004, pág.51.

**Pátio:**

Para acedermos ao edifício entramos pelos portais da fachada principal e posterior (**imagem 30 e 34**), que ligam ao pátio de pavimento em calçada portuguesa, formando losangos, circundado pelos corpos do edifício com remates em friso e cornija, e com quatro falsas gárgulas de canhão a sair dos ângulos de ligação.

Vai-se destacar uma porta com arco de volta inteira e uma entrada central em arco de volta abatida com uma antecâmara (**imagem 39**) em abóbada que precede a duas escadarias que vão dar acesso ao andar nobre (**imagem 40 e 41**), ligadas entre si por uma varanda cuja abertura se apoia num conjunto de sete colunas toscanas sobre plintos paralelepípedicos (**imagem 42 e 43**), suportando a arquitrave onde assenta a cobertura, e interligando-se por guardas em gradeamento de ferro, com prolongamento para as escadarias, contêm ainda janelas abertas para o largo exterior.

No piso térreo sob a varanda têm uma arcaria com abóbadas de berço e três arcos de volta abatida (**imagem 44 e 45**). Na parte oposta da denominada *loggia*, o pátio interior do palácio é fechado com uma construção que liga dois corpos laterais do edifício e que é coberta e dispõe de três janelas para o interior do pátio e de sete janelas para o chamado quintalão (**imagem 35**). No piso térreo podemos destacar a existência de celeiros, cavalariças e algum espaço para o descanso dos serviçais nos séculos precedentes.

Anteriormente nas paredes das escadas e varandas do pátio também existiram painéis de azulejo do século XVII, com motivos decorativos de caça,<sup>36</sup> para além de um sistema de recolha e escoamento de águas fluviais que teria boeiros em calcário sobre linhas de água que percorriam os terrenos do quintalão.

---

<sup>36</sup> Augusto dos Santos Conceição, *Condeixa – a – Nova*, pág.58.

### **Interior do palácio:**

O interior do palácio como se refere Augusto dos Santos Conceição teria originalmente nos seus salões, tectos e lambris de madeira de castanho, todos em talha maravilhosamente trabalhada. Infelizmente hoje já não existe. Esta destruição deve-se ao facto dos actos de vandalismo devido às invasões francesas, o palácio ficou ao abandono, e quando mudou de proprietários estes mandaram fazer trabalhos de estuque em substituição dos tectos de madeira (**imagem 46**).

No interior do palácio existe também uma enorme colecção de retratos que não podia deixar de referir. São retratadas pessoas com ligação á Vila de Condeixa e que merecem destaque pela sua importância (**imagem 47 e 48**).

### **Brasão:**

O brasão é esculpido em pedra almofada acompanhado de aletas com volutas planas, acrotérios laterais e rosetas. No paquife á volta do brasão existe um elmo aberto. O escudo é constituído no flanco dextro por dois animais caprinos, e no flanco sinistro por um animal de grande porte sobre a ramagem. Este escudo tem o formato de inspiração francesa. Esta obra escultórica é encimada por um frontão curvo interrompido a meio, em que se destaca uma mísula suportando as folhas de acanto (**imagem 49**).

### **4.3 - Palácio dos Almadás**

#### **4.3.1 História:**

O Palácio dos Almadás é, presentemente uma pousada integrada na rede das Pousadas de Portugal. Esta pousada é conhecida como sendo a Pousada de Santa Cristina, tendo sido resgatada da ruína para qual se encaminhava<sup>37</sup>.

As raízes deste palácio remontam ao século XIV conforme uma providência de 7 de Outubro de 1593, é um dos mais importantes de Condeixa.

Pela sua história e pela sua arquitectura é ainda hoje um dos palácios que tem melhores condições de habitabilidade visto tendo sido comprado por uma empresa de Turismo e ter sido transformado numa Pousada.

Possivelmente foi construído no século XIV, e terá sido reestruturado, mas pensa-se que terá mantido o mesmo tipo de planta no século XIX, visto que nas imagens que temos surge-nos como um edifício do século XIX.

Na primeira metade do século XIX foi transformado numa hospedaria, porque se situava perto da estrada de passagem e de ponto de muda da mala – posta<sup>38</sup>. Mas este palácio não serviu só de hospedaria, foi também um orfanato para crianças pobres e asilo para velhos sem lar.

Em Abril de 1853, o palácio foi vendido ao conselheiro Dr. António Egípcio Quaresma Lopes de Vasconcelos, que o mandou reconstruir de acordo com a sua traça antiga.

---

<sup>37</sup> Artur Mendonça, José Magalhães Castela, Cândido Pereira, Joaquim Filipe Soares Rebelo, Paulo Marques Silva, José Amado, *Condeixa, paisagem, memória e história*, Paróquia Condeixa-a-Nova, Condeixa-a-Nova, Novembro de 2010, pág. 18.

<sup>38</sup> Artur Mendonça, José Magalhães Castela, Cândido Pereira, Joaquim Filipe Soares Rebelo, Paulo Marques Silva, José Amado, *Condeixa, paisagem, memória e história*, Paróquia Condeixa-a-Nova, Condeixa-a-Nova, Novembro de 2010, pág.19.

Em 1937 este edifício foi adquirido por Cândido Sotto Mayor, com o objectivo de ali instalar um lar de idosos. Porém devido á sua morte prematura e inesperada, do adquirente, o projecto ficou inviabilizado.

A partir de 1993 este palácio passou a funcionar como uma pousada.

O Palácio dos Almadás parece manter uma vocação para actividade de hospedagem, pelo que a sua transformação na Pousada Santa Cristina não só permitiu a sua conservação, enquanto edifício, como perpetuou esta vertente, restituindo-lhe algum do seu antigo esplendor<sup>39</sup>.

Este edifício surge-nos com uma planta em U, mas já não tem semelhança com o edifício que lá existiu.

Santa Cristina, cujo nome foi atribuído á Pousada, foi uma jovem mártir romana, originária dos arredores de Bolsano na Toscana, que depois de baptizada recusou oferecer sacrifícios a uma estátua de Apolo e distribuiu dádivas aos pobres<sup>40</sup>.

A popularidade de Santa Cristina deve-se á situação geográfica de Bolsano, de onde era patrona e que ficava situada numa rota de peregrinação. Os romeiros que se deslocavam á “cidade eterna”, não se esqueciam de parar em Bolsano para rezar no seu túmulo.

Em Condeixa é lhe prestado culto desde que D. Manuel I ordenou que se construísse uma igreja em 1502, dedicada a Santa Cristina sendo Condeixa, na época uma terra de moleiros, estará aqui encontrada a explicação para a escolha desta Santa Cristina como orago da terra<sup>41</sup>.

---

<sup>39</sup> Artur Mendonça, José Magalhães Castela, Cândido Pereira, Joaquim Filipe Soares Rebelo, Paulo Marques Silva, José Amado, *Condeixa, paisagem, memória e história*, Paróquia Condeixa-a-Nova, Condeixa-a-Nova, Novembro de 2010, pág.20.

<sup>40</sup> Ver o site [www.pousadas.pt](http://www.pousadas.pt).

<sup>41</sup> Ver o site [www.pousadas.pt](http://www.pousadas.pt).

#### 4.3.2 Proprietários:

Os principais proprietários deste palácio foram o D. Lourenço de Almada que foi o 6º Conde de Avranches. Era casado com D. Francisca de Távora e deste casamento nasceu D. Antão Vaz de Almada que foi aclamador de D. João IV. D. Lourenço de Almada tomou parte desta expedição a Alcácer Quibir ficando cativo, no seu regresso á Pátria veio viver para o Pombalinho e depois para Condeixa – a – Nova.

O seu filho D. Antão Vaz de Almada viveu possivelmente até aos 22 anos, numa geração a seguir à derrota de Alcácer Quibir e com isso viveu, ouvindo relatos da trágica expedição de seu pai e dos seus tios.

D. Antão Vaz de Almeida foi criado na adversidade que é muita vez geradora de todas as grandes virtudes, pois a derrota de Alcácer Quibir, veio espalhar sobre Portugal o culto da Pátria que ele e todos os Almadás sempre tão devotadamente serviram.

Tais factos foram o fulcro de toda a sua educação na qual teriam também influído as altas qualidades e conselhos do seu tio D. André de Almada, natural do Pombalinho<sup>42</sup>.

Devido a estas séries de circunstâncias que, sem dúvida, influenciaram a formação moral e cívica de D. Antão de Almada, não teriam sido possíveis se ele não houvesse residido em Condeixa-a-Nova. Faleceu no dia 17 de Dezembro de 1664 com 71 anos. Sucedeu-lhe o seu filho D. Luís de Almada que foi senhor dos Lagares de El-Rei e de Pombalinho, capitão-mor e governador das armas da cidade de Coimbra e sua comarca, com o seu pai entrou na conjura da Restauração de 1640. Vai falecer no ano de 1660, sucedeu-lhe o seu filho D. Lourenço de Almada.

D. Lourenço de Almada foi senhor dos Lagares do Pombalinho, comendador de S. Vicente de Vimoso e para além de outras funções importantes foi membro do

---

<sup>42</sup>Augusto dos Santos Conceição, *Condeixa – a – Nova*, pág. 55.

Conselho de Estado e governador de Angola entre 1705 e 1709. Faleceu no dia 2 de Maio de 1729, na sua casa em Lisboa. Foi um dos nomeados em Santarém para acompanhar D. Pedro II na 1ª fase da Guerra de Sucessão de Espanha, a favor de Carlos de Áustria<sup>43</sup>. Em Abril de 1853, o paço foi vendido pelo 3º Conde de Almada, ao conselheiro Dr. António Egípcio Quaresma Lopes de Vasconcelos, que mandou o reconstruir nessa época, seguindo a sua planta primitiva e o seu estilo antigo.

No ano de 1937 o Dr. Cândido Sotto Mayor comprou-o ao neto do conselheiro Dr. António Lopes Quaresma Bacelar de Vasconcelos, com o intuito de nele instalar um asilo como já referimos anteriormente. Depois o paço continuou na posse desta família até que permaneceu em ruínas e actualmente foi transformado na Pousada de Santa Cristina como já referimos.

#### **4.3.3 Hóspedes ilustres:**

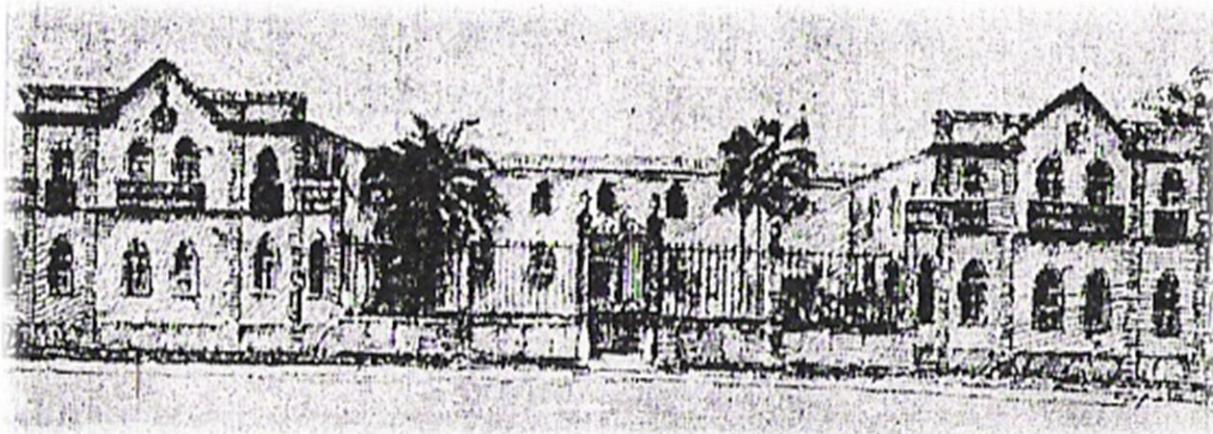
A família Almada ganhou uma notoriedade enorme por receber, ao longo dos anos hóspedes ilustres. Eram individualidades da mais distinta nobreza e realeza europeia.

Foram hóspedes deste palácio, o Rei D. Manuel I em 1500, D. Catarina, no regresso ao Reino após a morte do seu marido Carlos II da Inglaterra em 1704, D. Pedro II e Carlos de Áustria, e finalmente o infante de Espanha D. Carlos, irmão do rei D. Fernando VII, que com a sua esposa e filhos chegou a Condeixa, em fins de Maio de 1833<sup>44</sup>.

---

<sup>43</sup> Augusto dos Santos Conceição, *Condeixa – a – Nova*, pág.56.

<sup>44</sup> Augusto dos Santos Conceição, *Condeixa – a – Nova*, pág.56.



**Figura 7:** Palácio no século XIX segundo desenho de José Ventura<sup>45</sup>.

Este palácio vai ser caracterizado de duas maneiras, uma como ele era antigamente e outra como ele está actualmente (**imagem 49 e 50**). Da primitiva construção do século XVI não existem vestígios, o Palácio dos Almadás foi totalmente remodelado para se transformar numa pousada que traz á memória a casa senhorial. Actualmente o edifício é bastante diferente do edifício que existia no século passado, o palácio tinha uma estrutura em que a planta era em U aberto.

#### **4.3.4 A descrição do palácio antes da restauração:**

##### **Capela:**

Como toda as construções senhoriais da época, o Palácio dos Almadás possuía uma capela, mas esta localizava-se fora do corpo do edifício e um pouco afastada. Inicialmente era de culto a S. João e durante muito tempo deu o nome á rua. Mas mais tarde passou a ter como patrono o Senhor da Agonia, que deste modo já é designado na compra feita por D. Lourenço de Almada em 23 de Maio de 1743, e porque era ali que o Senhor dos Passos ficava, quando da procissão, de sábado para domingo. Foi demolida em 1940 e possuía no vértice do frontão uma escultura que representava o Papa e em cada lado um Bispo e por cima da porta as armas dos Lopes Quaresmas.

---

<sup>45</sup> Augusto dos Santos Conceição, *Condeixa – a – Nova*, pág.65.

### **Fachada:**

Através das imagens antigas podemos ver como o edifício era do século XIX (**imagem 49**). Não sabemos se o edifício terá sido sempre assim, com esta fisionomia é bastante possível que terá sido reestruturado e terá ficado com poucos vestígios do seu núcleo primitivo. É público as palmeiras em frente á fachada principal do palácio como podemos ver na figura que faz lembrar os edifícios de proprietários brasileiros ou emigrantes portugueses que estiveram no Brasil.

O palácio tinha dois pisos, um térreo e um nobre. No corpo principal tinha três janelas no piso nobre e duas janelas no piso térreo, com uma porta ao centro.

Existe uma união entre os dois corpos laterais do edifício com um muro em gradeamento caracterizado com pilastras e ao centro temos também um portão em gradeamento.

Teriam na sua fachada seis janelas no piso térreo e quatro no piso nobre de sacada. A fachada de cada corpo lateral é encimada por um frontão triangular e teria um brasão adossado na parede.

Na parte exterior do corpo na parede perpendicular á fachada existem três janelas no piso nobre e três no piso térreo, em ambos os corpos laterais.

### **Corpos perpendiculares:**

Na sua fachada teria seis janelas no piso térreo e quatro no piso nobre (**imagem 51 e 52**). A fachada de cada corpo lateral é encimada por um frontão triangular e teria um brasão adossado na parede. Na parte exterior do corpo na parede perpendicular à fachada existem três janelas no piso nobre e três no piso térreo, em ambos os corpos laterais.

**Alçado posterior:**

No alçado posterior existiam quatro janelas no andar nobre, o que se supõe que seriam talvez oito janelas na parte de trás do edifício.

**Brasão:**

As armas que estariam nas fachadas eram dos Almadadas. O brasão era constituído por um escudo partido, em pala tendo no primeiro quartel as armas dos Lopes, que são, em campo azul, uma palmeira de ouro e sobre ela um corvo de cor, voando e no segundo quartel as dos Quaresmas, em campo de prata, uma banda vermelha, dentada, carregada de três flores de liz do mesmo metal<sup>46</sup>.

**4.3.5 Descrição do palácio depois da restauração:**

Actualmente temos um edifício de planta em U aberto a fazer lembrar o velho paço que existiu neste sítio. Os corpos laterais são relativamente mais pequenos no comprimento face ao que existia no século XIX. Trata-se de um edifício com três andares (**imagem50**).

**Alçado principal:**

Na fachada podemos destacar uma grande entrada toda envidraçada coberta com um telhado paralelo á fachada dos corpos laterais (**imagem 53**). No 2 e 3 andar que ficam mais recuados aos corpos laterais, destaca-se quatro janelas de sacada, duas de cada lado de um brasão que fica no segundo andar. No terceiro andar entre as janelas encontram-se telhas de cerâmica coladas, a revestir as paredes.

---

<sup>46</sup>Augusto dos Santos Conceição, *Condeixa – a – Nova*, pág. 57.

### **Corpos laterais:**

A fachada tem três portas-janelas de sacada com gradeamento em cada andar e no terceiro entre as portas-janelas contêm as telhas de cerâmica coladas a enfeitar a parede. Os telhados são de quatro águas (**imagem 54 e 55**).

### **Alçado posterior:**

Vamos destacar quatro andares, sendo o do piso térreo com dois corpos mais avançados que os dos outros pisos (**imagem 56**). Este é envidraçado e no seu interior podemos destacar o restaurante que contêm uma excelente vista. Nos outros andares destacam-se as janelas dos quartos e no último andar, assim como na fachada principal destaca-se entre as janelas a telha de cerâmica colada na parede.

### **Exterior do palácio:**

Este edifício é resguardado por um gradeamento e á frente da fachada principal encontra-se um largo com palmeiras (**imagem 57**). Na parte traseira podemos encontrar um grande jardim, com uma piscina ao fundo, e num recanto oposto encontra-se um campo de ténis (**imagem 58**).

### **Interior do palácio:**

O interior é sóbrio, sendo dominantes as cores claras, vincadas pelas talhas em madeira, especialmente o tecto no andar térreo (**imagem 59, 60 e 61**). Tem 45 quartos divididos pelos três pisos, e estes mantêm a sobriedade nas coberturas das camas e nos reposteiros são usados tecidos florais, motivos repetidos nos pequenos quadros que decoram as paredes ou seja têm uma decoração clássica. Os aposentos mais agradáveis são os que estão voltados para o jardim, de onde destacamos a vista para o campo.

### **Brasão:**

O brasão que se encontra actualmente na fachada não é dos Almadás. Este brasão tem o escudo francês, e tem as suas divisões em escudo partido (**imagem 62**). No

primeiro quartel as armas dos Lopes, era constituído por uma palmeira (**imagem 63**). No segundo quartel estão as armas dos Quaresmas, que são três flores na diagonal (**imagem 64**). O escudo é encimado por um elmo aberto e um paquife a ladear o escudo. A sobrepujar o elmo está uma ave com uma ramagem no bico, e a encimar está uma coroa de conde com pérolas visíveis (**imagem 65**).

## **4.4 - Palácio Sotto Mayor ou dos Lemos Ramalho**

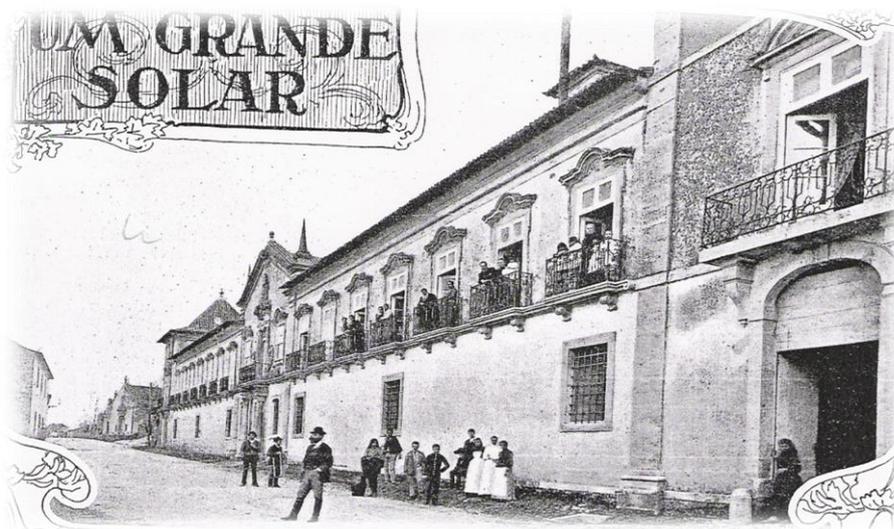
### **4.4.1 História:**

O Palácio Sotto Mayor é um dos edifícios mais importantes do património arquitectónico de Condeixa.

Em 20 de Junho de 1732, foi criado o morgadio de Nossa Senhora da Piedade também conhecido como dos Ramalhos de Condeixa.

Localiza-se na rua Dr. Francisco de Lemos, chama-se assim a antiga rua de São João, desde o Paço até ao antigo edifício dos Paços do Concelho e o nome foi – lhe atribuído em honra a D. Francisco de Lemos Ramalho de Azeredo Coutinho, primeiro Presidente da Câmara Municipal.

O edifício foi classificado segundo o Imóvel Interesse Público, Decreto N° 735/74 de 21-12-1974.



**Figura 8: Palácio Lemos Sotto Maior no século XIX.** <sup>47</sup>

Até ao final da década de 50, o palácio era uma das maiores entidades empregadoras da vila. Para sua manutenção, assim como do Paço dos Almadás, da

---

<sup>47</sup> “*Um grande Solar,*” Revista Ilustração Portuguesa, Lisboa, volume X, 1910.

Quinta da Ventosa e de outras propriedades, eram necessárias dezenas de pessoas, entre criados profissionais de vários ofícios, jardineiros, motoristas e jornaleiros.

Inclusivamente, anos antes da inauguração do abastecimento de energia eléctrica á vila, já o palácio possuía uma central privativa de produção eléctrica.

#### **4.4.2 Proprietários:**

Este palácio teve como proprietários José Rodrigues Ramalho, familiar do Santo Ofício em 1689, casado com D. Úrsula de Oliveira Catana, onde já existia um antigo solar que lhe dava o nome.

Berardo de Oliveira Alfanje, José Rodrigues Ramalho da Fonseca Oliveira Catana, cavaleiro professo, em 1739, da Ordem de Cristo, José Rodrigues Ramalho, alcaide-mor e senhor da vila de Pereira e D. Maria do Cabral Ramalho da Fonseca Arnaut do Rivo, foram os antigos proprietários deste palácio. Tendo nascido em 5 de Abril de 1757, D. Maria casou com o desembargador Dr. João Pereira Ramos Azevedo Coutinho, homem público por tantos títulos ilustres e irmão do bispo - conde D. Francisco de Lemos Faria Pereira Coutinho, o reitor reformador da Universidade de Coimbra, ambos nascidos no Brasil.

O bispo-conde era amigo íntimo do Marquês de Pombal, não tinha ar untuoso de alguns prelados dessa época, antigamente era uma rigidez que lhe marcara o carácter, só ele é que conseguiu realizar a obra universitária que a época impunha. No Verão, todos os anos vinha a este solar, e acolhia-se á sombra das árvores antigas. Ele amava Condeixa-a-Nova e esta esqueceu por completo o ilustre pontífice a quem o concelho e vila muito deveram.

Este palácio teve no entanto outros donos, os morgados da família Lemos, como o Dr. João Pereira Ramos Azeredo Coutinho, era cavaleiro da Ordem de Cristo, conselheiro de D. Maria I, desembargador do Paço, procurador da Coroa e da Casa do

Infantado, alcaide-mor e 1º senhor da Vila de Pereira, para além de outras actividades. Terá nascido no Rio de Janeiro, no ano de 1750 e faleceu em Lisboa no ano de 1799. Passando a posse do solar para o seu filho Manuel Pereira Ramos de Azeredo Coutinho Ramalho. Nasceu em Lisboa e foi o 7º senhor do morgadio de Nossa Senhora da Piedade, alcaide-mor e foi o segundo senhor da vila de Pereira, desembargador da Relação do Porto, do conselho do Rei. Morreu em 1774 passando para o seu herdeiro, seu filho Francisco de Lemos Ramalho Azeredo Pereira Coutinho, a posse do palácio. Este foi o 8º e último morgado, e terceiro senhor da vila de Pereira, comendador da Ordem de Cristo<sup>48</sup>. Francisco de Lemos foi o primeiro presidente da Câmara Municipal, cujo mandato durou seis anos. Faleceu no dia 12 de Maio de 1895 em Condeixa sendo sepultado no cemitério da vila (**imagem 66 e 67**).

D. Miguel agraciou-o com o título de conde de Condeixa em 19 de Setembro de 1853 que nunca chegou a usar. Desta mercê só houve conhecimento após a sua morte, por então se encontrar, entre os seus papéis, o alvará em que aquela distinção era concedida e que de todos fez ignorar<sup>49</sup>.

Alexandre Herculano, nos seus “Apontamentos de viagem em 1853”, descreve-o da seguinte maneira:

*“Junho 4 e 5. Visita a casa de Francisco de Lemos, o palácio e quinta, o modelo de cortesia, hospitalidade e de franqueza, um realista ou antes um liberal que se ignora como Molière, que ignorava que era um grande homem. Parece um hóspede como os outros, nada de morgue aristocrata: tolerância. Todos á excepção de um éramos liberais”.*

Na sala de sessões da Câmara Municipal de Condeixa podemos encontrar um retrato seu pintado a óleo por um pintor paisagista Izequiel Pereira no ano de 1897.

---

<sup>48</sup> Sobre esta família deve ler – se *Um grande Solar*, Revista Ilustração Portuguesa, Lisboa, volume X, 1910.

<sup>49</sup> Augusto dos Santos Conceição, “*Condeixa – a – Nova*”, pág.62.

Com o seu falecimento o palácio passou para a posse do seu filho Manuel Pereira Ramos Ramalho de Azeredo Coutinho, que nasceu em Condeixa-a-Nova em 3 de Fevereiro de 1865 e faleceu a 4 de Agosto de 1910 na mesma vila. Exerceu cargos como Presidente da Câmara Municipal de Condeixa e Governador Civil da Guarda e Coimbra (**imagem 68**).

Na viragem do século XIX, verificou-se um declínio desta família a vários níveis, como por exemplo a nível físico, económico, social e político. Não estamos mais na presença de herdeiros únicos e universais como aconteceu no século XVIII com D. Maria do Cardal. Foi com D. Francisco que se deixou uma geração numerosa principalmente do sexo masculino se inicia a desagregação definitiva do património dos Ramalhos.

Devido á dispersão de bens, á ausência prolongada fora de Portugal e os casamentos mal sucedidos conduziram a uma medíocre administração dos bens da família. Na década 20 do século XX iniciam – se as cruciais delapidações dos bens, a 14 de Julho de 1920 e a 28 de Junho de 1926 ocorrem as vendas fundamentais entre os herdeiros dos Ramalhos e dos novos proprietários, o Dr. Cândido da Cunha Sotto-Mayor, oriundo de uma família sem raízes em Condeixa-a-Nova, vinda do Estoril.

No ano de 1920 este palácio foi então adquirido pelo banqueiro Dr. Cândido Sotto Mayor, que nele fez importantes e valiosos melhoramentos, recheou com mobiliário da época e com inúmeras obras de arte.

Era casado com D. Maria Elsa de Abreu Franco Sotto Mayor que praticava e compreendia a caridade cristã. Ela foi a maior protectora de todos os pobres desta vila foi responsável pelos melhoramentos do Hospital. É de destacar a generosidade desta família que sucedendo às velhas aristocracias souberam ter atitudes nobres de ajudar quem mais precisa. D. Maria Elsa de Abreu faleceu em Condeixa em 15 de Novembro

de 1948. Anteriormente fora condecorada com a Comenda da Ordem da Benemerência. Infelizmente o seu marido, Dr. Cândido Sotto Mayor, falecia pouco depois em 19 de Março de 1950.

Aqui também nasceu e casou a sua filha única D. Maria Elsa da Piedade Franco Sotto Mayor com o capitão-de-fragata José Correia Mattoso.

Com o falecimento do Dr. Cândido Sotto Mayor o palácio passou então para a posse do comandante José Correia Mattoso, seu genro.

Actualmente este palácio encontra-se na posse da sua filha D. Elsa Sotto Mayor.

Um dos episódios mais marcantes da história deste edifício prendeu-se com as invasões francesas e, muito particularmente, com o episódio do incêndio atado pelas tropas napoleónicas em Condeixa. A polémica surgiu, uma vez que este edifício escapou praticamente incólume à devastação de que grande parte da vila foi alvo. Surgiram especulações e avolumaram-se suspeitas quanto á fidelidade do seu proprietário, Manuel Pereira Ramos de Azeredo Coutinho Ramalho, como já referimos anteriormente.

#### **4.4.3 Descrição do palácio a nível arquitectónico:**

Este palácio é um dos mais belos palácios da região e mesmo do país, é famoso pela sua beleza, grandiosidade e história (**imagem 69**). Apesar da grandiosidade do edifício nunca se conseguiu determinar quem foi o responsável da obra.

A estrutura foi construída utilizando alvenaria rebocada e como elementos decorativos as cantarias trabalhadas. É aquilo que se pode considerar um típico palácio de província, com carácter austero, influenciado pelo estilo barroco e vocacionado para uso residencial.

É um admirável barroco setecentista, porque desenvolve-se horizontalmente que se trata de uma característica desta época. Tem uma planta tipo U aberto, com uma capela disposta perpendicularmente ao lado direito da fachada.

Trata-se de uma “casa comprida” devido á fachada em comprimento que tem (**imagem 69**). Além deste palácio também podemos ver este exemplo na Casa de Anadia em Mangualde, a Casa dos Viscondes de Maiorca e o Palácio Galvão Mexia em Lisboa<sup>50</sup>. Em todas elas vamos observar a tendência para a fachada em comprimento.

Durante o período pombalino a construção foi ampliada e a fachada foi duplicada. Construiu-se uma entrada central, com escadaria dupla que levaria ao andar superior, onde se situava, o espaço mais nobre do edifício.

### **Fachada**

#### **Alçado principal:**

A fachada é constituída por três corpos, apresenta uma longa fachada de dois pisos e é delimitada por dois torreões quadrados na qual se abrem dezanove janelas de varanda com telhados em pirâmide (**imagem 70, 71 e 72**).

Nestes torreões destacam-se os brasões das famílias ilustres. Os dos Lemos, um escudo esquartejado possuindo nos quartéis as armas dos Moreiras, dos Lemos, dos Azeredos e dos Coutinhos, ladeando as armas dos Pereiras ao centro, e por baixo daquele, o dos Ramalhos, escudo esquartejado pelas armas dos Ramalhos, FONSECAS, Camilos e Oliveiras.

No conjunto das dezanove janelas temos varandas (**imagem 70**), e uma porta principal rectangular, com colunas coríntias a suportar a varanda que se ergue sobre a entrada, com janelas e molduras em forma de volutas (**imagem 73 e 74**). As meias pilastras vincam o corpo de entrada, esta de abertura rectangular acompanhada de duas

---

<sup>50</sup> Carlos Azevedo, *Solares Portugueses*, Livros Horizonte, Lisboa, 1969, pág.88.

colunas a suportarem a bacia da janela em sacada. Sobre a entrada principal destacamos o corpo mais elevado rematado por um frontão triangular (**imagem 75**).

As paredes laterais da entrada principal evidenciam cada uma no andar nobre. Tem sete janelas em sacada, com grades de ferro forjado das varandas a decora-las, frontões ondulados no corpo central e frontões semicirculares nas torres laterais. São pormenores que vão denunciar o acabamento mais tardio do século (**imagem 76**).

O piso térreo na fachada tem em cada corpo lateral três janelas gradeadas (**imagem 76**). No corpo principal do piso térreo existem duas janelas, uma em cada lado do portão gradeado. Em cada torreão da fachada existe um piso térreo e um grande portão delimitado por pilastras e com um arco de asa de cesto.

#### **Alçado lateral esquerdo:**

Neste alçado destaca-se os dois torreões que têm três andares (**imagem 77**). No andar nobre distingue – se em cada torreão uma janela encimada por um frontão semi-circular e um candeeiro (**imagem 78**). No terceiro andar destaca-se uma janela em cada torreão delimitada por pedra sem ornamentação.

O corpo do alçado entre os dois torreões tem no segundo andar três janelas com um frontão e a decora-los uma parte da janela com gradeamento (**imagem 79**).

No terceiro andar existem duas janelas apenas limitadas por pedra sem ornamentação e com dois óculos envidraçados nas extremidades (**imagem 80**).

Destaca-se entre as janelas e os óculos a revestir as paredes, telhas de cerâmica, no andar térreo apesar de não ser visível, não se faz referência nem as janelas e nem às portas.

**Alçado lateral direito:**

Neste alçado não há nada que se destaque já que a capela fica apoiada nesta extremidade, e tapa o alçado direito ficando só descoberto o último andar do torreão sem qualquer janela.

**Interior:**

Outro dos aspectos que se destacava neste palácio era a riqueza e sumptuosidade do seu recheio. Face á impossibilidade de visitar o palácio no seu interior, é nos apenas só possível descreve-lo face á bibliografia existente sobre o palácio.

O seu recheio é distribuído por nove grandes salões com janelas viradas para a frente do palácio. Nestes salões podemos encontrar mobiliário de Luís XIV, consolos dourados, tapeçarias, faianças e porcelanas, bronzes, jarrões da China e Japão, pratas, esculturas e quadros de bons autores como por exemplo um dos quadros que se destacava mais o “Cristo negro e Salomé” do pintor Guilherme Filipe<sup>51</sup>.

Com o tempo e as partilhas familiares levaram a um gradual desaparecimento desta riqueza.

É importante referir que os actuais proprietários coleccionaram objectos e mobiliário português, e indo – português que valoriza bastante o interior.

Podemos destacar no andar nobre o aspecto do salão principal com pinturas murais e de tecto e o pavimento de madeira com desenho geométrico (**imagem 81**). Também podemos salientar o mobiliário excelente que o edifício alberga, destacando-se os móveis indo-português com embutidos em marfim (**imagem 82**), camas portuguesas do século XVIII, estilo D. João V (**imagem 83**) e a decoração de azulejos policromos. Destacamos também um aspecto de um recanto do salão com mobiliário português

---

<sup>51</sup> Artur Mendonça, José Magalhães Castela, Cândido Pereira, Joaquim Filipe Soares Rebelo, Paulo Marques Silva, José Amado, *Condeixa, paisagem, memória e história*, Paróquia Condeixa-a-Nova, Condeixa-a-Nova, Novembro de 2010, pág. 17.

(**imagem 84**) e, sobre o friso de azulejos policromos, dois típicos bancos de pedra no parapeito da janela (**imagem 85**)<sup>52</sup>.

### **Capela:**

Em 1737, foi construída uma capela, para onde foi mudada a escultura em pedra de Nossa Senhora da Conceição. Esta capela é anexa ao solar e encontra-se perpendicular ao lado direito, tendo a porta lateral para a rua, é dedicada á Nossa Senhora da Piedade (**imagem 86**). É de vão rectangular e tem um frontão interrompido que enrola ao centro (**imagem 87**). Tem uma capela-mor, com um retábulo de madeira policromada da segunda metade do século XVIII.

Existe um letreiro gravado no cruzeiro, que elucida que o morgadio foi instituído sobre uma imagem titular, por José Rodrigues Ramalho, o qual passaria para os religiosos de S. Bento se não houvesse geração, e ainda a escultura foi transferida da capela velha para a nova a 13 de Outubro de 1737. Essa imagem era uma bela obra italiana do século XVIII e foi levada pelos antigos proprietários, encontrando-se agora em seu lugar uma de madeira, do escultor espanhol José Planas em 1922.<sup>53</sup>

A capela é decorada em azulejos, recortados, de meados do século XVIII de fabrico coimbrão. Os azulejos formam composições decorativas, com cenas de reduzida dimensão, onde sobressai a Virgem Maria. Encontra-se também feito em azulejo, o brasão dos Ramalhos (**imagem 88**).

### **Brasão:**

Sobre a entrada da porta principal encontramos dois brasões (**imagem 89**). O Brasão dos Ramalhos situa-se por cima da janela, no centro do frontão quebrado (**imagem 90**). É em escudo Português, é esquartelado e tem as armas dos Ramalhos, Fonseca, Camelos e Oliveiras. No exterior tem as volutas a decorá-lo e ornamentação

---

<sup>52</sup> Marcus Binney, *Casas de Portugal*, Difusão Editorial, Lisboa, 1987, pág. 130-132.

<sup>53</sup> Augusto dos Santos Conceição, “*Condeixa – a – Nova*”, pág.60.

vegetalista. A sobrepujar este brasão está o dos Lemos em escudo francês, que é esquartelado e tem as armas dos Moreiras, Lemos, Azeredos, Coutinhos (**imagem 91**). Ao centro do escudo encontram-se as armas dos Pereiras. A encimar o escudo está um elmo aberto e sobreposto a este está um animal que se julga ser um leão (**imagem 92**).

#### **Exterior do palácio:**

O Palácio Sotto Mayor rodeia-se de bonitos e esplêndidos pomares, jardins e de vegetação verdejante (**imagem 93,94 e 95**) como já referimos anteriormente. A meio ergue-se um bonito pavilhão, uma casa de regalo em estilo chinês no meio de um lago, forrada de cortiças e revestida de cedro palmar<sup>54</sup>. Os jardins são dispostos em cercas talhadas artisticamente que incluem estatuária.

Estes jardins são de origem francesa.

#### **4.4.4 Hóspedes Ilustres:**

Durante os séculos XVIII, XIX e XX, e á semelhança dos outros solares, recebia com regularidade visitas régias ou potentados políticos. O palácio foi uma das residências particulares mais distintas do país, hospedando figuras destacadas da história nacional<sup>55</sup>.

D. João VI, então príncipe regente em 28 de Julho de 1798, D. Miguel I e D. Maria II, D. Fernando e filho em 1852, o escritor Alexandre Herculano. Já no início do século XX, vamos ter também D. Carlos e o príncipe D. Luís Filipe, conforme o relato na imprensa da época<sup>56</sup>.

Na fase final da Monarquia, em 1904, o palácio acolheu o rei D. Carlos. Dizia – se nessa ocasião que o proprietário do palácio, Manuel Pereira Ramalho, destacado membro do Partido Regenerador Liberal, liderado por João Franco, já se tinha filiado

---

<sup>54</sup> Augusto dos Santos Conceição, *Condeixa – a – Nova*, pág.61.

<sup>55</sup> Artur Mendonça, José Magalhães Castela, Cândido Pereira, Joaquim Filipe Soares Rebelo, Paulo Marques Silva, José Amado, *Condeixa, paisagem, memória e história*, pág. 13.

<sup>56</sup> Augusto dos Santos Conceição, *Condeixa – a – Nova*, pág.61.

«no constitucionalismo por afeição pessoal a Sua Magestade el-rei Senhor D. Carlos», já que antes a família encontrava-se ligada á corrente legitimista. Conta-se mesmo que, quando a Rainha D. Maria II esteve hospedada neste palácio, o proprietário teria afirmado ao recebê-la: “ *Entrego nas mãos da sobrinha do meu rei as chaves do meu palácio*”, mostrando desta forma algum descontentamento com a situação<sup>57</sup>.

---

<sup>57</sup> Artur Mendonça, José Magalhães Castela, Cândido Pereira, Joaquim Filipe Soares Rebelo, Paulo Marques Silva, José Amado, *Condeixa, paisagem, memória e história*, pág. 14.

## **4.5 - Palácio do Conde de Podentes**

### **4.5.1 História:**

Este palácio situa-se á saída de Condeixa na estrada para Penela num lugar recatado onde apenas ressalta o jardim. É uma estrutura de base setecentista no século XVIII com reconstruções no século XIX. Tratava-se de um antigo convento barroco.

O Palácio do Conde de Podentes também era conhecido como Hospício, era um local onde se “agasalhavam os pobres e peregrinos com muita caridade” como se refere o Padre Carvalho da Costa<sup>58</sup>.

O hospício dos frades antoninos – franciscanos, que existia em Condeixa, foi uma das propriedades das ordens religiosas que foram abrangidas pela Carta de Lei de 30 de Maio de 1834. Esta lei foi publicada pelos liberais e extinguiu os conventos e incorporava os seus bens nos próprios bens nacionais.

Tinha também uma capela privativa que funcionou como local de enterramentos após as invasões francesas, devido á indisponibilidade da Igreja Matriz.

Foi precisamente neste palácio que o rei D. Luís I teve o seu cognome de o *Popular*, onde assinou um decreto que o extinguiu do exame privado na Universidade, substituindo-o pelo acto de Licenciatura expresso nos seguintes termos: “*Hei por bem ordenar que o referido exame privado, passa a ser feito por provas públicas, com a denominação de exame de licenciado. Paço em Condeixa ... (a) Rei. Anselmo José Braamcamp*”<sup>59</sup>.

### **4.5.2 Proprietários:**

Na história deste palácio, destacamos os proprietários que ao longo do tempo usufruíram deste edifício.

---

<sup>58</sup> Artur Mendonça, José Magalhães Castela, Cândido Pereira, Joaquim Filipe Soares Rebelo, Paulo Marques Silva, José Amado, *Condeixa, paisagem, memória e história*, Paróquia Condeixa-a-Nova, Condeixa-a-Nova, Novembro de 2010, pág. 24.

<sup>59</sup> Augusto dos Santos Conceição, “*Condeixa – a – Nova*”, pág.64.

Jerónimo de Almeida e Vasconcelos nasceu em Podentes na zona de Penela no dia 7 de Dezembro de 1805 e faleceu no dia 18 de Agosto de 1885. Foi o único Visconde e Conde de Podentes.

Era filho de João Pedro Dias de Azevedo Vasques de Almeida e de, D. Teodora Joaquina Henriques de Azevedo e irmão de António Dias de Azevedo, bacharel em Cânones e deputado. Casou em 1 de Junho de 1837 com Maria Liberata da Costa Mendes, filha de Francisco António da Silva Mendes da Fonseca, fidalgo de cota de armas, cavaleiro da Ordem de Cristo, contratador dos Tabacos do Reino e Reais Saboarias.

Os viscondes tiveram uma filha, D. Margarida Amélia Mendes de Azevedo e Vasconcelos, que nasceu em 1838 e morreu em 1888, sem nunca se ter encartado o título.

Jerónimo de Almeida matriculou-se na Faculdade de Medicina, em 1826, integrou o Batalhão Académico formado por estudantes liberais que foram combater o pronunciamento da Beira a favor de D. Miguel. Tomou parte activa nessa luta e voltou depois para Coimbra que completar a sua formatura.

Em 1828 alcançou o grau de bacharel em Medicina e, nesse ano, foi um dos destacados líderes do movimento liberal na cidade de Coimbra, *“aliciando pessoalmente os comandantes das forças militares da região a aderirem ao movimento”*<sup>60</sup>.

Alistou-se no Batalhão de Caçadores nº 12, participou na campanha militar entre liberais e absolutistas, organizou uma guerrilha com os irmãos, a qual actuou durante algum tempo na região da Beira, mas acabou por ser preso, perto de Leiria, em 29 de Junho de 1828. Continuando preso em 1829, foi remetido para a jurisdição da alçada do

---

<sup>60</sup> Zélia Pereira, «Vasconcelos, Jerónimo Dias de Azevedo Vasques de Almeida e (1805 – 1885)», *Dicionário Biográfico Parlamentar (1834 – 1910)*, vol. III, coord. Maria Filomena Mónica, Col. Parlamento, Imprensa de Ciências Sociais/Assembleia da República, Lisboa, 2006, pág.989.

Porto, que o condenou á morte, mas comutaram-he a pena para degredo perpétuo em Benguela e perda de todos os bens.

Em 1830 foi transferido para a sinistra masmorra do forte de S. Julião da Barra, onde surgem indicações de que passou a prestar serviços médicos aos presos, tanto liberais como absolutistas. Na sequencia desta acção ter-lhe-á sido concedido um eventual perdão de pena.

Finalizada a guerra, Jerónimo de Almeida foi libertado e conduzido a Lisboa, onde viu reconhecidos os seus serviços, e foi nomeado Guarda – mor da Saúde e Provedor da Saúde do porto de Belém. Desempenhou ainda funções de Governador Civil de Coimbra entre os dias 3 e 25 de Junho de 1843, mais tarde exerceu também idênticas funções em Viseu (1851) e no Porto (1852).

Foi adepto do governo de Costa Cabral, mas gradualmente afastou-se dos cabralistas e em 1844, publicou dois opúsculos da sua autoria, onde se destacam: “*Breves considerações sobre o estado da fazenda pública e Reflexões sobre o decreto de 30 de Junho próximo passado em que se determinou a arrematação do contrato do tabaco*”, onde criticou a política financeira de Costa Cabral.

Em 1846 fez parte, em Viseu, da Junta Revolucionária da Beira Alta e assinou a representação em nome desta, entregue a D. Maria II<sup>61</sup>.

A Regeneração, em 1851, nomeou-o governador civil de Viseu entre o dia 11 de Junho de 1851 até ao dia 18 de Fevereiro de 1852 e depois no Porto do dia 18 de Fevereiro de 1852 até 29 de Agosto de 185<sup>62</sup>. Em 1855, dirigiu o jornal de Viseu, *O Viriato*.

---

<sup>61</sup>Zélia Pereira, «Vasconcelos, Jerónimo Dias de Azevedo Vasques de Almeida e (1805 – 1885)», *Dicionário Biográfico Parlamentar (1834 – 1910)*, vol. III, coord. Maria Filomena Mónica, Col. Parlamento, Imprensa de Ciências Sociais/Assembleia da República, Lisboa, 2006, pág.990.

<sup>62</sup> Afonso Eduardo Martins Zuquete, *Nobreza de Portugal e do Brasil*, Editorial Enciclopédia, Lisboa, vol. III, pág.131.

Jerónimo de Almeida recebeu no dia 8 de Outubro de 1851 a nomeação por carta régia do título de visconde e mais tarde, por decreto de 24 Novembro de 1868, o título de conde. Jerónimo de Almeida era fidalgo – cavaleiro da Casa Real e tinha o grau de Comendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa.

Foi eleito deputado em três legislativas 1838 – 1840, pelo círculo de Viseu, 1840 – 1842, pelo mesmo círculo, 1842 – 1845, pela Beira Alta.

Em Junho de 1840 no início da nova legislatura, foi escolhido para fazer parte da Comissão do Comércio e Artes e da dos Vinhos, da qual foi relator. Em 1843, fez novamente parte da Comissão Especial dos Vinhos, integrou as comissões da Fazenda, de Agricultura e de Resposta ao Discurso da Coroa, e foi um dos membros da Comissão Especial encarregada de dar parecer sobre o relatório em que o ministério pedia um bill de indemnidade.<sup>63</sup>

Usufruindo do seu título de visconde de Podentes, foi elevado ao pariato por Carta Régia de 18 de Fevereiro de 1852, e tomou assento em 20 do mesmo mês.

Os seus profundos conhecimentos financeiros levaram-no, pouco depois, a integrar a Comissão da Fazenda da Câmara dos Pares.

Enquanto parlamentar, integrou diversas comissões e participou de forma activa em muitas sessões. A sua vida na política foi recheada de polémicas e surge descrito em algumas publicações como bastante inconstante e volúvel, pois nos corredores do Parlamento dizia as coisas de uma maneira, mas quando discursava dizia de outra maneira.

Sobre o Conde de Podentes conta-se, entre alguns vestígios de testemunhos orais que ainda persistem na região de Podentes, que ele rico e emprestava dinheiro às

---

<sup>63</sup> Zélia Pereira, «Vasconcelos, Jerónimo Dias de Azevedo Vasques de Almeida e (1805 – 1885)», *Dicionário Biográfico Parlamentar (1834 – 1910)*, vol. III, coord. Maria Filomena Mónica, Col. Parlamento, Imprensa de Ciências Sociais/Assembleia da República, Lisboa, 2006, pág.990.

peçoas. Porém, se não lhe pagassem no prazo estabelecido, ficavam-lhes com as terras. Algumas pessoas não lhe pagavam porque não podiam. Como o conde era esperto, quando lhe iam pagar, mandava dizer pela esposa que não estava em casa. Depois, quando o prazo acabasse, as pessoas ficavam sem as suas terras e o conde ficava cada vez mais rico.<sup>64</sup>

No dia 19 de Novembro de 1863, o rei, D. Pedro V, chegou a Condeixa pelas 21 horas da noite, segundo o relato da imprensa da época *“ali estavam duas colunas, uma de cada lado da estrada, sobre que se achavam colocadas duas inocentes crianças, que lançaram muitas flores sobre as carruagens. Desde aquele ponto até ao real aposento havia alguns arcos e colunas de louro e murta sobre que assentavam lanternas de várias cores”*<sup>65</sup>.

A família pernoitou uma noite no palácio dirigindo-se a Coimbra no dia seguinte.

Alguns autores referem que terá sido neste palácio que D. Pedro V em Novembro de 1863, decidiu abolir o Exame Privado da Universidade de Coimbra tão criticada nessa altura.

Depois do visconde Jerónimo de Almeida temos como proprietária D. Maria Relvas de Azevedo que comprou o palácio em Fevereiro de 1892 por uma quantia de 1251\$000 réis. Nasceu a 19 de Fevereiro de 1868 e faleceu a 7 de Junho de 1930. Foi casada com o rico proprietário e médico, Alberto de Campos Navarro. Deste casamento descendeu a sua herdeira que deteve a posse deste edifício, foi D. Margarida Relvas Navarro de Azevedo bisneta do primeiro Conde de Podentes.

---

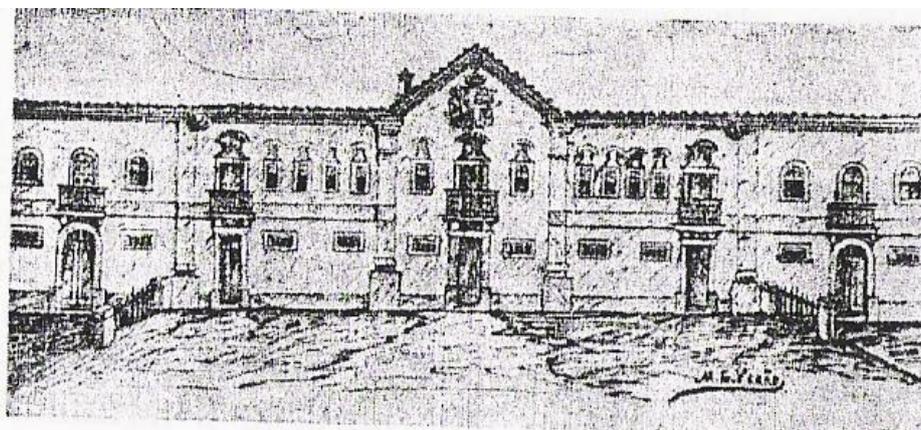
<sup>64</sup> Artur Mendonça, José Magalhães Castela, Cândido Pereira, Joaquim Filipe Soares Rebelo, Paulo Marques Silva, José Amado, *Condeixa, paisagem, memória e história*, Paróquia Condeixa-a-Nova, Condeixa-a-Nova, Novembro de 2010, pág. 28.

<sup>65</sup> Pode-se ler no livro de *Condeixa, paisagem, memória e história*, onde Artur Mendonça cita: Anónimo, “Noticiário”, O Tribuno Popular, Coimbra, 21 – 11 – 186, p.3, col.2.

Foi casada com o Dr. Carlos José de Azevedo de Albuquerque, professor catedrático de Medicina da Universidade do Porto e faleceu no dia 28 de Junho de 1950, sucedendo-lhe a sua filha.

D. Margarida Helena Relvas Navarro de Azevedo Albuquerque, nascida a 26 de Abril de 1915 foi casada com o médico Henrique da Costa Alemão Teixeira.

Actualmente o palácio está na posse dos seus descendentes.



**Figura 9:** Palácio do Conde de Podentes segundo desenho de Gonçalves Verão<sup>66</sup>.

#### **4.5.3 Descrição do palácio a nível arquitectónico:**

Neste palácio temos poucas características da sua traça original. É um edifício do século XIX, com poucas referências setecentistas. Tem uma planta em género de L, que é pouco usual.

##### **Fachada**

##### **Alçado principal:**

É um edifício que na fachada é composto por cinco corpos, sendo o principal terminado em frontão triangular (**imagem 96 e 97**) como o Palácio Sotto Mayor. É composto por dois andares separados por um friso contínuo nos corpos sul e norte. O

---

<sup>66</sup> Augusto dos Santos Conceição, *Condeixa – a – Nova*, pág.64

corpo principal tem no andar térreo uma porta com duas janelas de linhas quadradas a ladeá-la, e no andar nobre tem uma varanda a decorá-la (**imagem 98**). É encimada por um frontão barroco, e de cada lado há uma janela encimada por um frontão semi-circular. Ainda neste corpo a encimar a janela de sacada existe um brasão.

Nos corpos norte e sul há a destacar no piso térreo um portão de arco abatido ladeado por duas pequenas janelas gradeadas. No andar nobre existe uma janela de sacada com grades da varanda a decorá-la, e encimada por um arco abatido (**imagem 99**). A ladear esta janela existe uma janela de cada lado também com um arco abatido.

Nos corpos intermédios da fachada e dos extremos, existe no corpo térreo duas janelas gradeadas e uma porta.

No andar nobre destacam-se quatro janelas encimadas por um frontão semi-circular (**imagem 100**) e uma janela de sacada encimada também por um frontão semi-circular.

#### **Alçado lateral direito:**

Tem três andares, sendo que no térreo não existem nem portas e nem janelas. No segundo andar tem quatro janelas como no terceiro andar, sendo que as do centro são portas janelas de sacada com gradeamento da varanda, e todas são encimadas por um arco abatido (**imagem 101**). A encimar estas janelas há um frontão triangular com uma janela.

#### **Alçado lateral esquerdo:**

No alçado norte vamos destacar quatro janelas gradeadas no andar nobre e quatro pequenos janelos também gradeados no andar térreo (**imagem 102**).

**Corpo perpendicular:**

Este corpo é perpendicular há fachada, que no exterior é o alçado norte tem no seu interior para o pátio interno três janelas gradeadas no andar nobre (**imagem 103**).

No andar térreo tem duas portas com um arco abatido e entre elas existe uma janela gradeada.

**Alçado posterior:**

O alçado posterior é composto por três andares, sendo que no andar térreo existem dependências anexadas ao edifício (**imagem 104**). O segundo andar tem cerca de oito janelas gradeadas e o último andar tem também o mesmo número de janelas.

**Pátio interior:**

Neste pátio vamos destacar logo na abertura do edifício duas escadas laterais para o piso nobre, com visão das janelas da fachada nobre (**imagem 105**). Destaca-se um tecto de madeira e dois pilares que sustentam o telhado. Temos ainda como destaque as cavalições outrora funcionais no pátio do edifício (**imagem 106**).

**Exterior:**

Possuía também belíssimos jardins, tendo sido reconstruído no século XIX. Como qualquer bom português não lhe faltavam exemplares da azulejaria do país, espalhados pelo jardim. Actualmente este jardim encontra – se um pouco degradado (**imagem 107,108 e 109**).

**Brasão:**

O brasão de armas foi concedido por alvará de 25 de Abril de 1852. O escudo é partido em pala tendo no primeiro quartel as armas dos Dias e no segundo dos Azevedos (**imagem 110**).

## 4.6 - Palácio dos Sás

### 4.6.1 História:

No dia 13 de Março de 1811, os clarões das chamas ateadas pelas tropas de Massena, iluminaram o horror e a destruição da vila de Condeixa. Este palácio foi considerado talvez como sendo um dos maiores do País, com uma fachada rasgada por vinte e três janelas e ostentando ao centro, as armas dos Sás<sup>67</sup>.

È possível que o palácio fosse inicialmente construído em meados do século XVIII, mas este edifício tinha uma certa complexidade relativa à extensão, amuramento ou geometria da residência. Este edifício depois do grande incêndio ficou em ruínas até aos inícios do século XX, até que a Câmara Municipal o expropriou, para ampliar a Praça da República, e a abertura de novas artérias, já que as suas ruínas ocupavam um grande espaço que confrontavam com uma praça e com a Igreja Matriz.

No jornal “O Conimbricense”, de 1858, assinalavam-se que o referido palácio se encontrava em ruínas, causando perigo às pessoas que por ali passavam, ainda para mais quando não tinha sido construída uma estrada que passava logo ao lado, houve um comunicado que foi enviado para o jornal, apesar de não se identificar o remetente, dizia o seguinte “ *Condeixa apresenta ainda algumas casas em mau estado, e por isso vamos pedir providências às autoridades daquela vila, para que sejam reparadas as ruínas do palácio da Condessa de Anadia*”<sup>68</sup>.

Segundo o que se dizia na época, alguns dos edifícios em Condeixa que tinham sido destruídos pelas invasões francesas já tinham sido recuperados mesmo sem ajuda, enquanto o palácio da Condessa de Anadia, “ *recebeu uma indemnização pelo prejuízo*

---

<sup>67</sup> Artur Mendonça, José Magalhães Castela, Cândido Pereira, Joaquim Filipe Soares Rebelo, Paulo Marques Silva, José Amado, *Condeixa, paisagem, memória e história*, pág. 31.

<sup>68</sup> Artur Mendonça, José Magalhães Castela, Cândido Pereira, Joaquim Filipe Soares Rebelo, Paulo Marques Silva, José Amado, *Condeixa, paisagem, memória e história*, pág. 32.

*que sofreu no palácio, em vez de reedificar como devia destruiu ainda mais mandando até tirar as grades de ferro das janelas, para ficar aquele esqueleto mais medonho”<sup>69</sup>.*

O principal objectivo deste comunicado era conseguir uma melhoria das condições existentes para a mala posta que se situava em edifício localizado ao lado, pois tornava-se importante ou demolir ou reedifica-lo. Segundo estas indicações, o mercado semanal realizava-se duas vezes por semana, tal e qual como nos nossos dias, a ruína avançada do palácio colocava em perigo todos aqueles que frequentavam o mercado, assim como os comerciantes que tinham as suas lojas no interior do palácio, e as pessoas que entravam nas lojas para fazer as suas compras.

Foi assim importante encontrar uma solução para o edifício que permitisse embelezar o espaço envolvente e sobretudo que garantisse a sua segurança.

Segundo a obra de Augusto Mendes Simões Castro, publicada uma década depois, refere-se “ *o aspecto lastimoso, que apresentava Condeixa por tão grande desolação, tem desaparecido quase de todo em virtude de sucessivas reedificações, e presentemente só se vêem em ruínas cinco casas, sendo uma delas o antigo Palácio dos Sás, hoje do Sr. Conde de Anadia”<sup>70</sup>.*

Podemos concluir que desde dos inícios do século XIX não houve qualquer tentativa de restauro do palácio, que era ali um dos principais símbolos da pequena vila.

Do antigo palácio a única coisa que sobreviveu foi o brasão dos Sás.

No entanto a família reconstruiu o que sobrava do edifício e fez um sumptuoso palácio com fachada virada para a Praça da Republica refazendo a sua história (**imagem 111 e 112**).

---

<sup>69</sup> Anónimo, “ Comunicado: As ruínas do Palácio da Sra. Condessa de Anadia em Condeixa”, *O Conimbricense*, Coimbra, 19 – 01 – 1858, Ano 5, nº 416, p.2, col. 1 e 2.

<sup>70</sup> Augusto Mendes Simões de Castro, *Guia Histórico do Viajante em Coimbra e Arredores*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1867, pág.261.

#### 4.6.2 Proprietários:

Este palácio teve como primeiro proprietário D.Manuel de Sá Pereira, casado com D. Maria Plácida de Meneses, e foi fidalgo da Casa real, senhor da casa dos Sás, de Condeixa-a-Nova, e do morgadio do Sobreiro e, pelo seu casamento, de outros morgadios, honras e haveres. D. Manuel morreu em 1764.

Deste casamento nasceu D. Maria Antónia de Sá Pereira, que se casou com Aires de Sá e Melo e teve como descendentes João Rodrigues de Sá e Melo, que viria a ser o primeiro conde de Anadia e irmão do segundo conde de Anadia e primeiro visconde de Alverca, José António de Sá Pereira e Meneses, nascido em 11 de Novembro de 1731 e falecido em 3 de Março de 1813. Vai-lhe suceder, na sua casa de Alverca, a seu irmão João António de Sá Pereira, primeiro barão de Alverca.

D. Maria Luísa de Sá Pereira de Meneses de Melo Souto Maior vai herdar o título de Condessa de Anadia e segunda viscondessa de Alverca por ter casado com o seu tio, Manuel Pais de Sá do Amaral de Almeida e Vasconcelos Quifel Barbarino.

José de Sá Pais do Amaral Pereira e Meneses foi o sucessor de D. Maria Luísa de Sá Pereira de Meneses de Melo Souto Maior, foi o terceiro visconde de Alverca, nasceu no dia 7 de Março de 1864 e faleceu no dia 11 de Junho de 1917. José de Sá Pais do Amaral Pereira e Meneses era elegante e muito apreciado na alta sociedade, era também um exímio cavaleiro tauromáquico amador<sup>71</sup>.

De seguida vamos ter José de Sá Pereira de Meneses Pais do Amaral de Almeida e Vasconcelos Quifel de Barbarino, foi o quarto visconde de Alverca. Nasceu em 7 de Junho de 1887 e faleceu no dia 5 de Outubro de 1932 com o posto de major da Cavalaria.

---

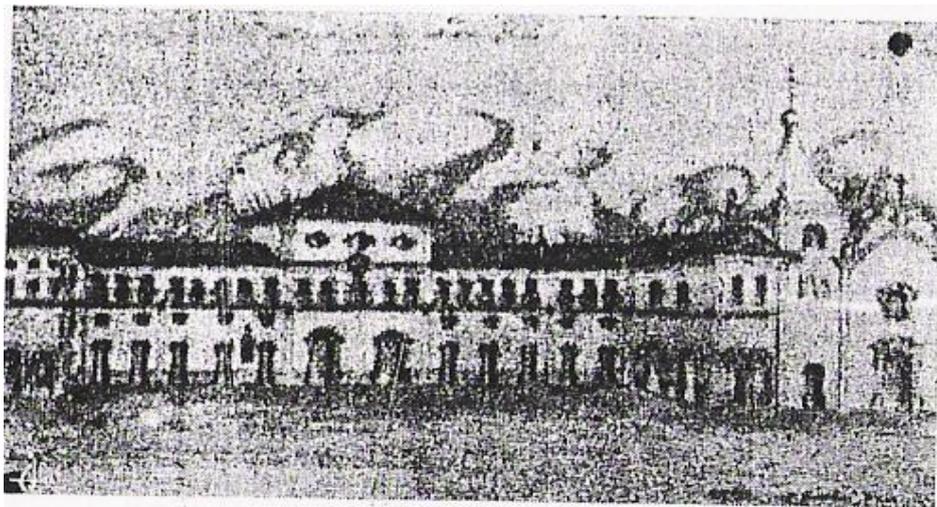
<sup>71</sup> Augusto dos Santos Conceição, *Condeixa – a – Nova*, pág. 66.

A aristocrática família Alverca, detentora de boa fortuna no concelho, é actualmente representada pelo Engenheiro Adriano de Sá do Amaral Coelho, naquele título.

A família dos Sás sempre se envolveu na vida política e religiosa de Condeixa. A maioria dos representantes desta família eram influentes locais do Partido Progressista, enquanto a família dos Lemos de Ramalho era defensores do Partido Regenerador.

Com esta divisão política das mais importantes famílias locais provocou momentos de tensão e de confronto físico, criando alguns episódios de clara discussão acerca da influência política que ambas tinham, e que procuravam aumentar no meio circundante.

A presença dos representantes da família Sá, nos órgãos da confraria do Santíssimo Sacramento, foi uma constante, podemos observar isso com os autores dos *Subsídios para a História de Condeixa*.



**Figura 10:** Palácio em chamas na noite de 13-3-1811 devido às invasões francesas segundo desenho de Gonçalo Verão<sup>72</sup>.

---

<sup>72</sup>Augusto dos Santos Conceição, *Condeixa-a-Nova*, pág.289.

#### **4.6.3 Descrição do palácio a nível arquitectónico antes de ser restauração:**

Como já referimos anteriormente este palácio foi um dos maiores do país. Era caracterizado com uma planta em U.

O palácio ocupava todo o espaço desde da sua localização actual e estendia-se até á Igreja de Santa Cristina, dispondo mesmo de uma entrada privada que entretanto acabou por dar lugar a uma capela privativa no interior da igreja, tratando-se da capela da Nossa Senhora da Assunção.

##### **Alçado principal:**

A sua fachada tinha cerca de vinte e três janelas de sacada e terminava confrontando-se com a Igreja Matriz (**imagem 113**). Através do corpo sul tinha uma ligação directa ao interior da Igreja<sup>73</sup>. É através de imagens muito antigas que podemos descobrir que o Palácio era muito comprido e tinha dois pisos e três andares, um piso térreo outro nobre e um mesanino (andar colocado entre os outros andares «à pressa»).

No centro do edifício vamos destacar um torreão com telhado em forma piramidal, destacado em relação á fachada, tanto em altura como em largura. No piso térreo vamos ter duas grandes portas encimadas por um arco abatido, já o de piso nobre teria cinco janelas de sacadas, e existiria ainda um outro piso com três óculos e também o brasão da família dos Sás. Na parte lateral deste torreão tanto no lado direito como no esquerdo havia cinco portas no piso térreo e ainda cinco óculos situados na vertical das portas. No piso nobre, havia oito janelas de sacadas de cada lado do torreão.

---

<sup>73</sup> Miguel Pessoa, *Praça da Republica em Condeixa*, Revista Cultural Algar, Condeixa, Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova, pág. 27.

### **Corpos laterais:**

Devido ao edifício ser em U aberto os corpos laterais teriam duas portas no piso térreo e duas janelas de sacada na fachada viradas a norte e a sul. Nestes corpos laterais não é visível o óculo nas paredes.

### **Brasão:**

É possível que o brasão que se encontrava na altura não seja o mesmo que encontramos actualmente no palácio. O brasão pelas imagens antigas seria muito maior que o actual. Existe um outro brasão neste edifício da mesma família que é o brasão dos Sás. Este brasão encontra-se num frontão circular a encimar um portão. O escudo é do tipo Português esquartelado com as armas, dos Sás no primeiro quartel, dos Pereiras no segundo quartel, as dos Leitões no terceiro e as dos Souto Maior no quarto. A encimar o escudo está um elmo aberto com paquife a decorar o escudo. A sobrepujar o elmo encontra-se a cabeça de um búfalo. É de realçar as volutas que ladeiam o escudo assim como encimam a cabeça do búfalo (**imagem 114**).

#### **4.6.4 Descrição do palácio depois da sua restauração:**

Actualmente o palácio não tem quase nenhuma ligação com o Palácio que existiu, já depois das ruínas em que se encontrava é que fizeram obras de remodelação. O edifício tem agora uma planta em género de um T, com a fachada principal virada para a Praça da República.

### **Alçado principal:**

Este edifício possui agora um piso térreo e um nobre e no qual se destacam seis janelas encimadas por uma verga de pedra, um peitoril também de pedra (**imagem 115 e 116**) e um portal de acesso com uma inscrição em latim “Virtus omnia vincit” ou seja a virtude tudo vence (**imagem 117 e 118**). Vamos ter também a existência de um óculo na extremidade sul do edifício no piso nobre. A delimitar o piso nobre do piso térreo

encontramos um friso contínuo. No andar térreo destacam-se cinco pequenas janelas rectangulares de linhas direitas simples, com gradeamento, sobressaindo também uma janela com portadas verdes, delimitadas por volutas, com três flores e encimadas por uma cruz, tudo em pedra (**imagem 119 e 120**).

**Alçado esquerdo:**

Neste alçado não vamos encontrar nada de importante devido á sua planta em T.

**Alçado direito:**

Neste alçado deparamos com umas escadas em corrimão de pedra que se elevam ao andar nobre (**imagem 121**). No andar térreo encontramos uma abertura com um arco pleno situado debaixo das escadas. No andar nobre as escadas ligam-se a uma varanda que circunda o alçado direito e metade do alçado posterior. Esta varanda coberta é suportada por colunas, onde se salienta uma porta no andar nobre.

**Alçado posterior:**

No piso térreo existem três aberturas com arco pleno. Já no piso nobre salienta-se a varanda com colunas e três portas-janelas envidraçadas (**imagem 122**).

No corpo perpendicular à fachada, podemos ver que o alçado direito tem no piso térreo quatro portas em arco pleno e no piso nobre duas janelas delimitadas por pilares (**imagem 123**).

O alçado posterior do corpo perpendicular tem uma janela no piso nobre com gradeamento e no piso térreo uma porta-janela. Podemos ver salientado um telheiro construído recentemente suportado por colunas (**imagem 124**).

O corpo perpendicular tem no alçado esquerdo umas escadas com corrimão de pedra, em que se eleva ao andar nobre. Existe ainda uma abertura com um arco pleno debaixo das escadas (**imagem 125**). Neste alçado vamos ter duas portas no piso térreo e uma pequena janela rectangular de linhas direitas, no piso nobre destacamos quatro

janelas, sendo uma delas com gradeamento. Todas são envidraçadas e rematadas por pedra.

**Brasão:**

Este Brasão como já referimos anteriormente, pode não ser o que estava no anterior edifício. Encontra-se sobre um portão num frontão (**imagem 126**). Trata-se de um brasão da família do Visconde de Alverca, onde se apresenta um escudo circular com as armas do Visconde de Alverca. A sobrepujar o escudo encontramos uma coroa de Visconde com quatro pérolas grandes e quatro pequenas. A decoração é rematada por volutas que se encontram nos diferentes lanços do frontão (**imagem 127**).

## **Conclusão**

Ao iniciar este projecto, julgava que iria ser um trabalho relativamente fácil de se fazer uma vez que a vila de Condeixa-a-Nova é por mim muito conhecida mas principalmente devido ao património arquitectónico que ali se concentra. Mas na verdade a tarefa tornou-se gradualmente mais difícil quando no decorrer do trabalho comecei a perceber que em primeiro lugar o que se encontra escrito sobre este património não é abundante, daí ter recorrido, como se pode ver nas fontes de bibliografia, a muitos sites da Internet e em segundo lugar á dificuldade de acesso aos palácios, sobretudo aqueles que são privados. Por um lado pode-se tentar perceber o porquê da dificuldade em aceder a estes palácios, talvez porque as famílias proprietárias receosas não queiram divulgar o espólio que se encontra no seu interior para tentar evitar a curiosidade alheia de alguns com finalidades menos cívicas. Mas por outro lado é difícil de compreender, como licenciada em História da Arte, o não acesso a estes palácios para dar a conhecer e ajudar a divulgar o espólio interno dos mesmos, uma vez que alguns apresentam um rico interior, merecedor do conhecimento público, uma vez que todos nós, e os condeixenses não são excepção á regra gostariam de conhecer uma parte da sua história e dos seus antepassados.

Condeixa-a-Nova apresenta particular interesse a vários níveis. É uma vila quase única a nível nacional devido á quantidade de riqueza cultural e concentrada numa única povoação que em tamanho até não é das maiores. Essa riqueza deve-se sobretudo á enorme quantidade de palácios concentrados numa só vila.

Esta riqueza cultural podia ser utilizada de outra forma tanto pelos privados como pelos organismos públicos que gerem alguns dos palácios aqui apresentados. Porque não tentar incluir estes monumentos num roteiro turístico? Neste roteiro podíamos incluir todos os palácios existentes no centro da vila de Condeixa, o Palácio

Sotto Mayor, o Palácio dos Sás, o Palácio do Conde de Podentes, o Palácio dos Figueiredos da Guerra, o Palácio dos Almadás, a Quinta de São Tomé e poderíamos também incluir o Paço dos Comendadores situado na Ega, este paço foi completamente reconstruído. Seria bom para todas as partes, uma vez que se dava a conhecer um pouco mais da história de Condeixa (história passada e recente) e dava-se igualmente a conhecer o património arquitectónico. Para isso era necessário um entendimento de várias entidades, o que hoje em dia, certamente se iria revelar quase impossível, uma vez que os interesses pessoais se elevam perante os interesses colectivos.

Seria uma forma de reavivar este património que se encontra um pouco esquecido por todos e de o colocar merecidamente numa rota turística aproveitando a grande atracção turística que são as Ruínas de Conímbriga. De realçar a intervenção a que está a ser alvo o solar da Quinta de São Tomé, que irá ser reconstruído na sua totalidade, uma vez que se encontrava em completa ruína, e que será transformado num museu de multimédia que irá estar ligado á temática dos Romanos, portanto em estreita ligação com as Ruínas de Conímbriga. Este museu poderia não só estar ligado com as Ruínas de Conímbriga mas também com os palácios existentes em Condeixa, através do roteiro turístico que já referimos anteriormente.

Com isto podíamos concluir que Condeixa-a-Nova poderia ser conhecida não só pelas suas famosas Ruínas de Conímbriga mas também pelos seus belos palácios existentes.

Desta forma espero ter ajudado a dar a conhecer ainda mais este património condeixense sobre o qual ainda muito fica por dizer e segredos por desvendar.

## Fontes e Bibliografia

### Fontes electrónicas:

- [www.baixomondego.pt](http://www.baixomondego.pt)
- [www.cm-condeixa.pt](http://www.cm-condeixa.pt)
- [candidopereira.blogspot.com](http://candidopereira.blogspot.com)
- [www.dgemn.pt](http://www.dgemn.pt)
- [www.igespar.pt](http://www.igespar.pt)
- [www.flickr.com/photos/biblarte](http://www.flickr.com/photos/biblarte)
- [www.freguesiacondeixa-a-velha.pt](http://www.freguesiacondeixa-a-velha.pt)
- [www.pousadas.pt](http://www.pousadas.pt)
- [www.skyscrapercity.com](http://www.skyscrapercity.com)

**Publicações Periódicas:**

*Conimbricense*, Coimbra, 19-01-1858, N° 416.

*Ilustração Portuguesa*, Lisboa, 12-09-1910, Ano 6, N° 238.

**Bibliografia:**

AZEVEDO, Carlos, *Solares Portugueses: Introdução ao estudo da Casa Nobre*, Livros Horizonte, Lisboa, 1969.

BINNEY, Marcus, *Casas de Portugal*, Difusão Editorial, Lisboa, 1987.

CASTRO, Augusto Mendes Simões de, *Guia Histórico do Viajante em Coimbra e Arredores*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1867.

CONCEIÇÃO, Augusto dos Santos, *Condeixa-a-Nova*, 2ª edição, Revista e Acrescentada por José Maria Gaspar, Coimbra, 1983.

COSTA, Américo, *Diccionario Chorographico de Portugal Continental e Insular*, Livraria Civilização, volume V, Porto, 1936.

FERREIRA, Maria Helena Andrade, *A freguesia de Condeixa-a-Nova na segunda metade do século XVII*, Coimbra, 1971.

GRILLO, Rosário, BANDEIRA, Fátima, *Ruas e Lugares de Condeixa*, Coordenação Concelhia da Extensão Educativa de Condeixa, Condeixa, 2002.

LEAL, Augusto Soares D`Azevedo Barbosa de Pinho, *Portugal Antigo e Moderno Dicionário*, volume II, Lisboa, 1874.

MENDONÇA, Artur, CASTELA, José Magalhães, PEREIRA, Cândido, REBELO, Joaquim Filipe Soares, SILVA, Paulo Marques e AMADO, José, *Condeixa, paisagem, memória e história*, Paróquia Condeixa-a-Nova, Condeixa-a-Nova, Novembro de 2010.

PEREIRA, Esteves, RODRIGUES, Guilherme, *Portugal Dicionário Histórico*, João Romano Torres, Lisboa, 1906.

PEREIRA, Zélia, «Vasconcelos, Jerónimo Dias de Azevedo Vasques de Almeida e (1805-1885)», *Dicionário Biográfico Parlamentar (1834-1919)*, volume III, coord. Maria Filomena Mónica, Col. Parlamento, Imprensa de Ciências Sociais/Assembleia da República, Lisboa, 2006.

PESSOA, Miguel, RODRIGO, Lino, «Museu de Condeixa – Um programa museológico para uma Condeixa de sempre – Solar da Quinta de São Tomé – Centro Cultural de Condeixa», *Arquivo Coimbrão*, Boletim da Biblioteca Municipal, volume XXXVII, Coimbra, 2004.

PESSOA, Miguel, RODRIGO, Lino, *Palácio Figueiredo da Guerra*, “Munda”, nº 47, Gaac, Coimbra, 2004.

PESSOA; Miguel, RODRIGO, Lino, *Praça da Republica em Condeixa*, Revista Cultural Algar, Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova, Condeixa, 2001.

ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins, *Nobreza de Portugal e do Brasil – Armorial Lusitano*, Editorial Enciclopédia, Lisboa/Rio de Janeiro, volume I, 1989.

ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins, *Nobreza de Portugal e do Brasil*, Editorial Enciclopédia, volume III, Lisboa, 1961.

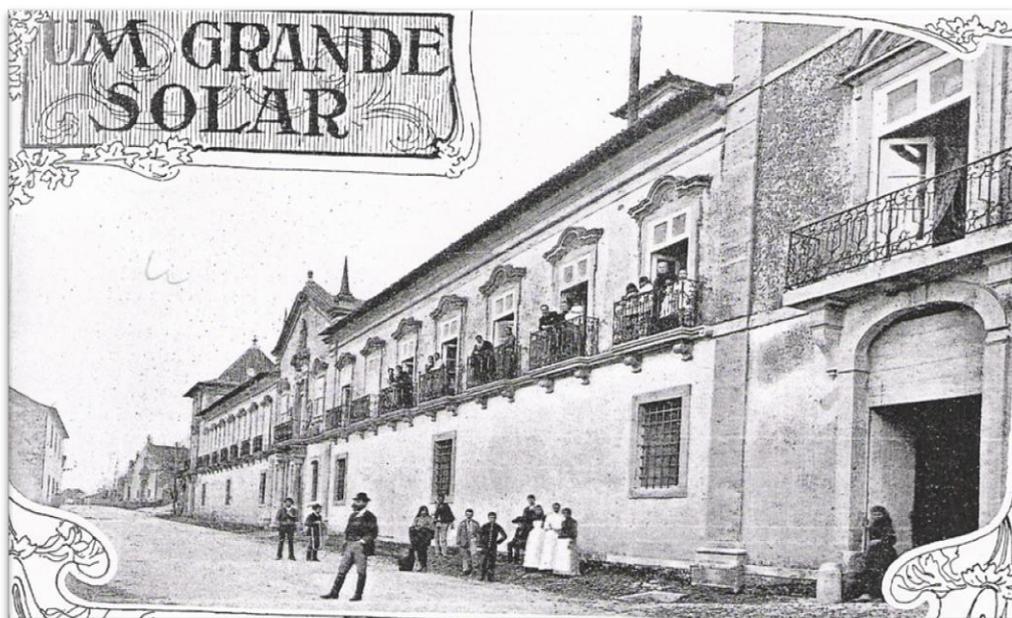
**Bibliografia não consultada:**

COSTA, José Magalhães, *Palácio dos Figueiredos*, Condeixa, 2002.

GONÇALVES, António Nogueira, *Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Coimbra*, Academia de Belas Artes, Lisboa, volume IV, 1953.

PROENÇA, Raul (Dir.), *Guia de Portugal – Beira I – Beira Litoral*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, volume III, 1984.

# **Anexos**



**Imagem 1:** Rua de S. João actual Rua Francisco de Lemos. Imagem retirada do “Grande Solar” da *Revista da Ilustração Portuguesa*.



**Imagem 2:** A actual Rua Francisco de Lemos onde temos situado o palácio dos Lemos Ramalho e a Pousada Santa Cristina em Condeixa. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 3:** O Terreiro é a actual Praça da República onde está situado o palácio dos Sás em Condeixa.

Imagem do livro *Ruas e Lugares da Vila de Condeixa*, pág.9.



**Imagem 4:** A actual Praça da República de Condeixa. Foto: Marta Rodrigues



**Imagem 5:** O Largo Rodrigo Fonseca Magalhães em Condeixa. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 6 e 7:** O Largo Artur Barreto onde está situado o palácio dos Figueiredos em Condeixa. Foto: Marta Rodrigues.

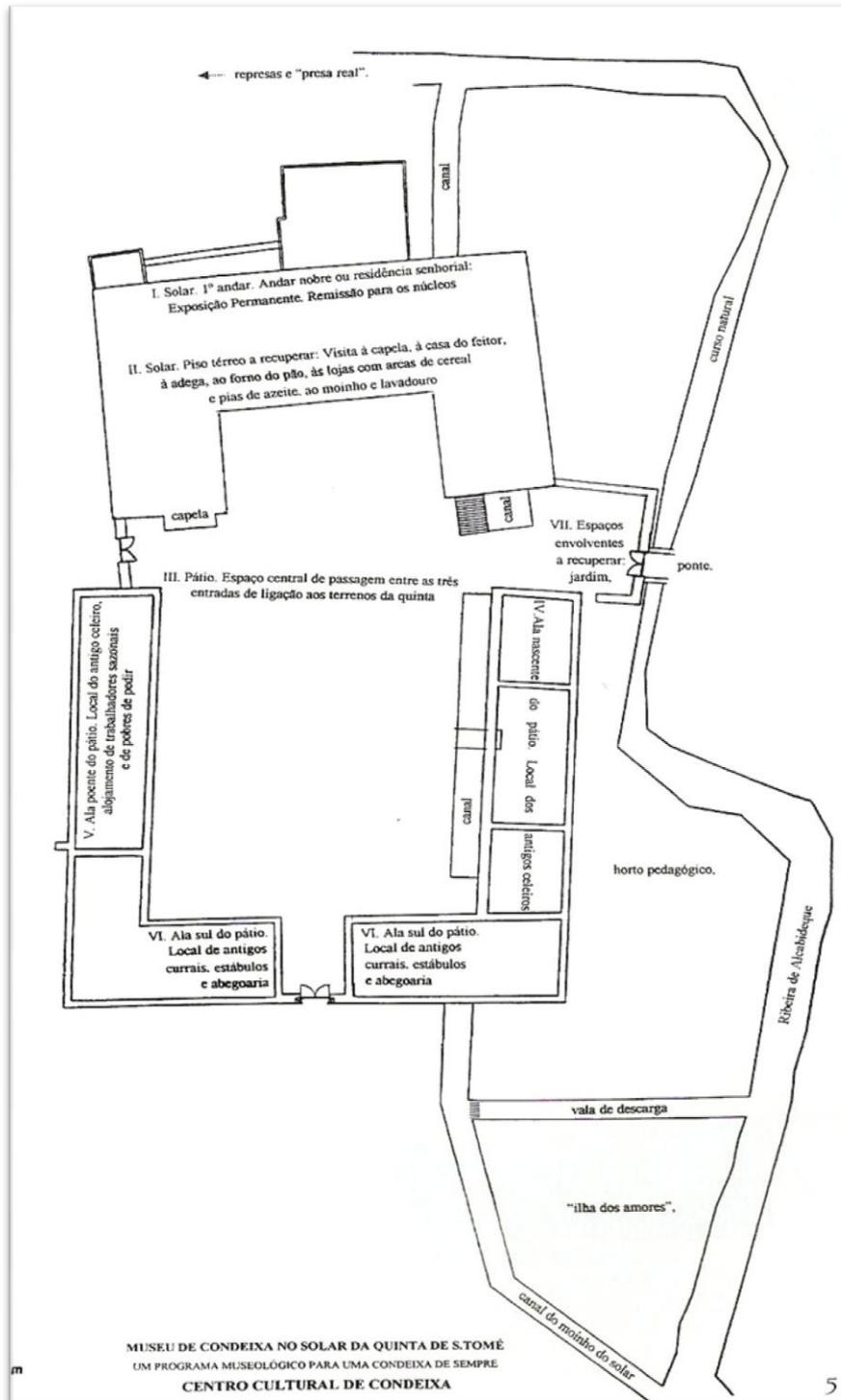


**Imagem 8 e 9:** A Rua Dr. Simão da Cunha onde fica situado o Largo do Visconde de Podentes em Condeixa. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 10:** O Largo do Visconde de Podentes onde está situado o palácio do Conde de Podentes em Condeixa. Foto: Marta Rodrigues

## Quinta São Tomé



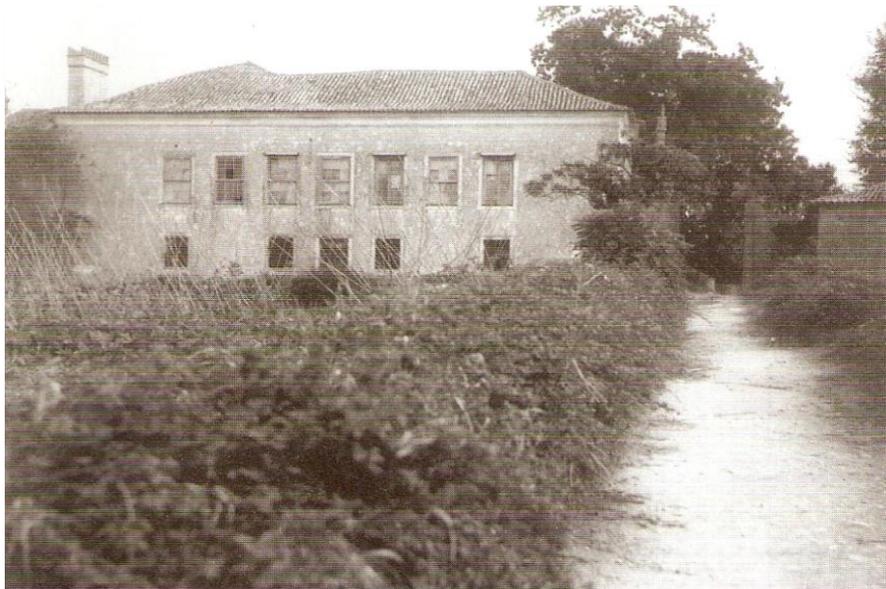
**Imagem 11:** Planta do Solar, pátio, anexos de produção e espaços envolventes. Imagem do livro *Arquivo Coimbrão*, vol. XXXVII, pág. 203.



**Imagem 12 e 13:** Perspectiva frontal do Solar. Foto do site: [www.baixomondego.pt](http://www.baixomondego.pt) e [www.cm-condeixa.pt](http://www.cm-condeixa.pt)



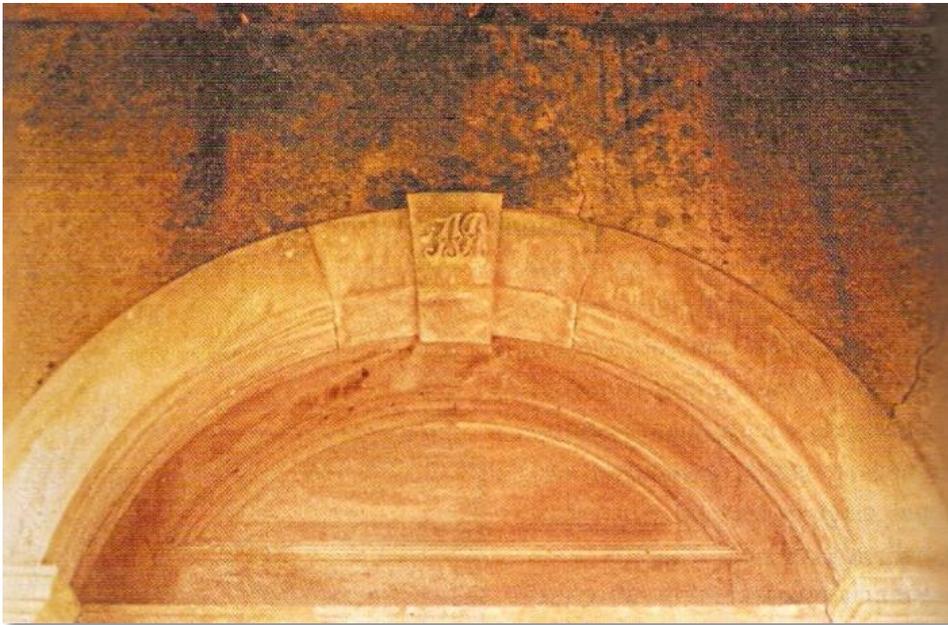
**Imagem 14:** Portal nobre da entrada principal do Solar. Imagem do livro *Arquivo Coimbrão*, vol. XXXVII, pág. 204



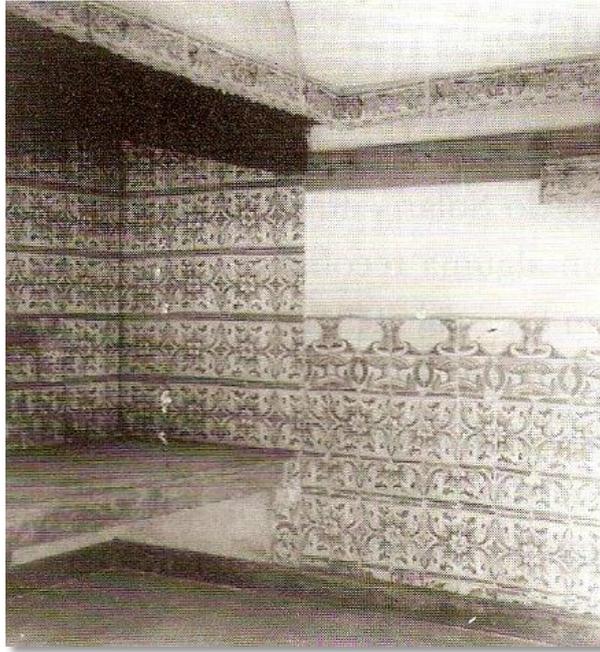
**Imagem15:** Fachada poente do Solar. Imagem do livro *Arquivo Coimbrão*, vol. XXXVII, pág. 210.



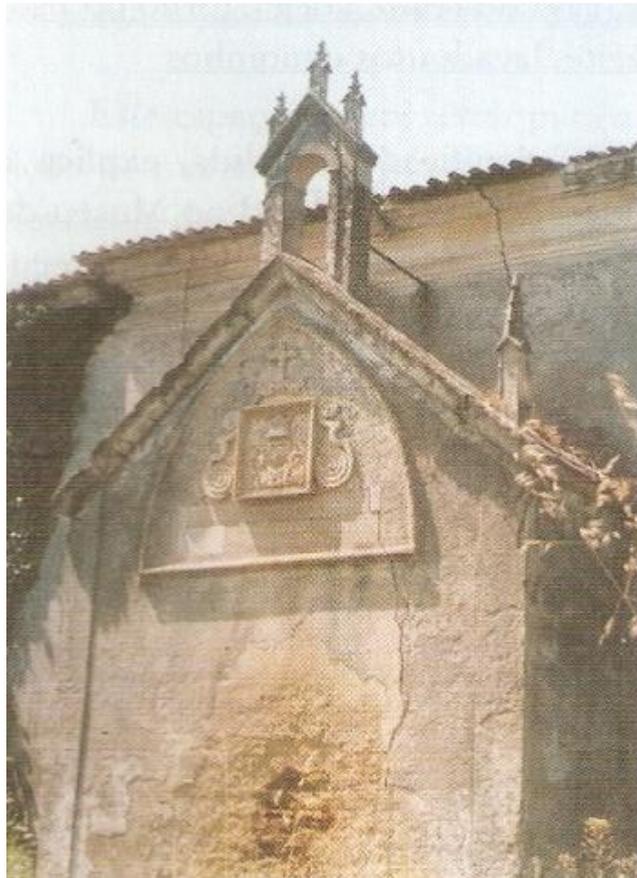
**Imagem 16:** Fachada poente do Solar na actualidade em completa ruína. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 17:** Monograma em relevo, inscrição “AR” em caligrafia inglesa. Foto do livro *Arquivo Coimbrão*, vol. XXXVII, pág. 206.



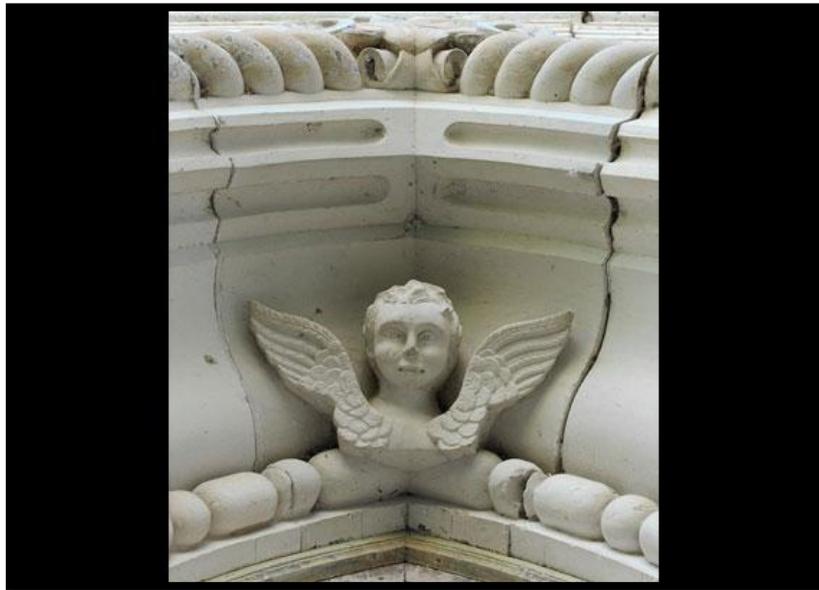
**Imagem 18:** Cozinha azulejada que actualmente está em ruínas. Foto do livro *Arquivo Coimbrão*, vol. XXXVII, pág. 223.



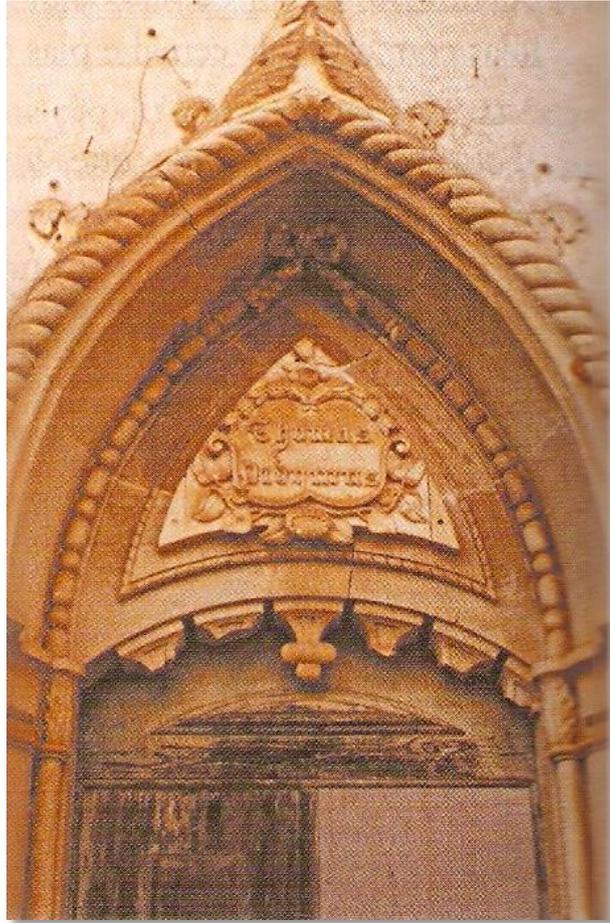
**Imagem 19:** Topo da capela e o seu brasão. Foto do livro *Arquivo Coimbrão*, vol. XXXVII, pág. 208.



**Imagem 20:** Uma das janelas neo-manuelinas da capela. Foto: Cidália Santos.



**Imagem 21:** Um pormenor da janela neo-manuelina da capela. Foto do site [www.baixomondego.pt](http://www.baixomondego.pt).



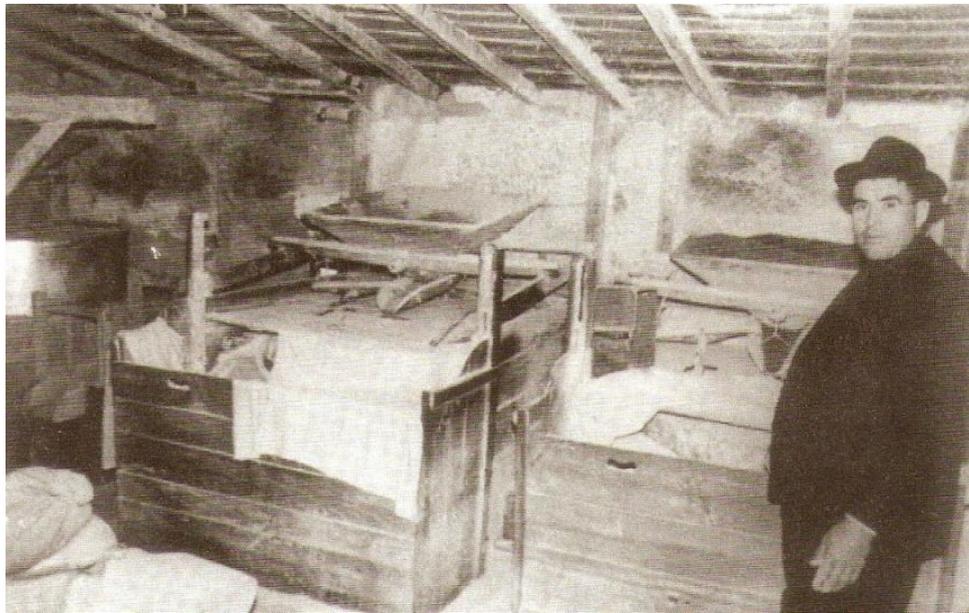
**Imagem 22:** Um pormenor da porta da capela. Foto do livro *Arquivo Coimbrão*, vol. XXXVII, pág. 208.



**Imagem 23:** O brasão do interior da capela. Foto do livro *Arquivo Coimbrão*, vol. XXXVII, pág. 208.



**Imagem 24:** O tecto da capela no seu estado de degradação. Foto do livro *Arquivo Coimbrão*, vol. XXXVII, pág. 210.



**Imagem 25:** Moinho Solar que actualmente já não existe. Foto do livro *Arquivo Coimbrão*, vol. XXXVII, pág. 207.

## Palácio dos Figueiredos da Guerra



**Imagem 26:** O palácio dos Figueiredos da Guerra a actual Câmara Municipal de Condeixa. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 27 e 28:** A fachada principal nos anos 70 e actualmente. Fotos: Humberto Vilão.



**Imagem 29:** O portão de acesso ao interior do pátio. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 30:** A porta principal. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 31:** Pormenor das mísulas. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 32:** Fachada do corpo Sul. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 33:** Fachada do corpo Norte. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 34 e 35:** Alçado posterior. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 36:** Tardoz. Foto. Marta Rodrigues.



**Imagem 37:** Alçado lateral esquerdo. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 38:** Alçado lateral direito. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 39:** A entrada central. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 40:** Escadas do lado esquerdo. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 41:** Escadas do lado direito. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 42 e 43:** A varanda do pátio com as suas colunas toscanas. Foto: Marta Rodrigues.



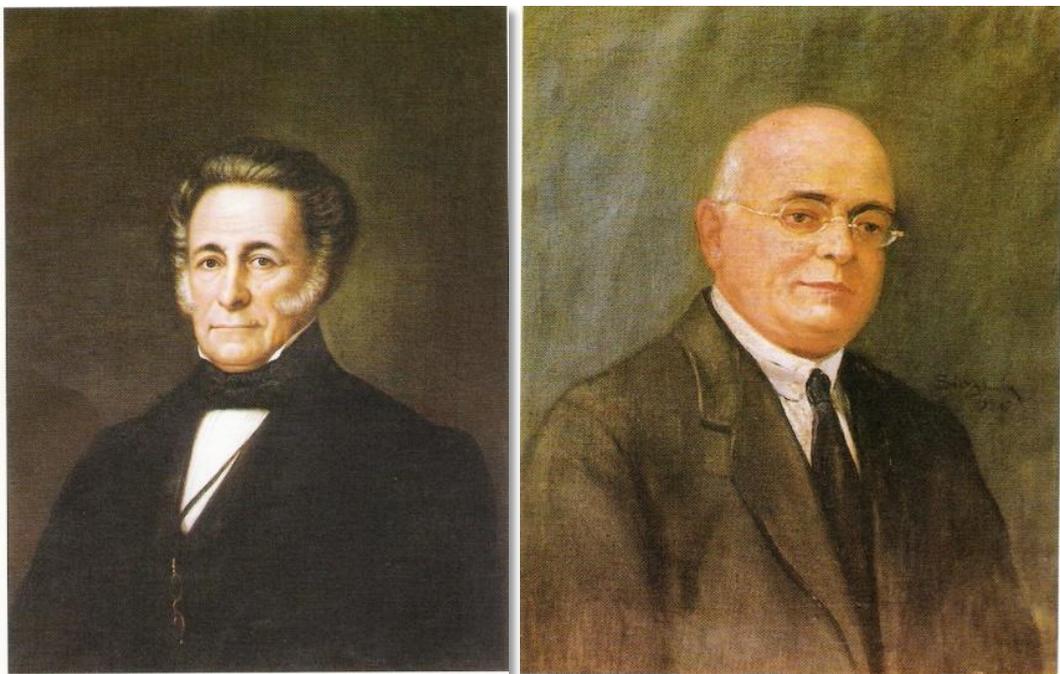
**Imagem 44:** Um pormenor da abóbada de berço do lado direito. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 45:** Um pormenor da abóbada de berço do lado esquerdo. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 46:** O salão nobre. Foto: Humberto Vilão.



**Imagem 46 e 47:** Alguns dos retratos das pessoas que tiveram uma grande importância para a vila de Condeixa. Em primeiro lugar temos Rodrigo da Fonseca Magalhães e em segundo lugar Artur da Conceição Barreto. Foto: Humberto Vilão.



**Imagem 48:** O brasão do palácio Figueiredo. Foto: Marta Rodrigues.

## Palácio dos Almadas



**Imagem 49:** A fachada principal do palácio na década de 80. Foto: Humberto Vilão.



**Imagem 50:** A fachada principal actualmente. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 51:** Fachada do corpo sul na década de 80. Foto: Humberto Vilão.



**Imagem 52:** Fachada do corpo norte na década de 80. Foto: Humberto Vilão.



**Imagem 53:** Corpo principal. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 54:** Fachada do corpo norte actualmente. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 55:** A fachada do corpo sul actualmente. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 56:** Alçado posterior actualmente. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 57:** Palácio com gradeamento. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 58:** A parte traseira do Pousada. Foto: Marta Rodrigues.



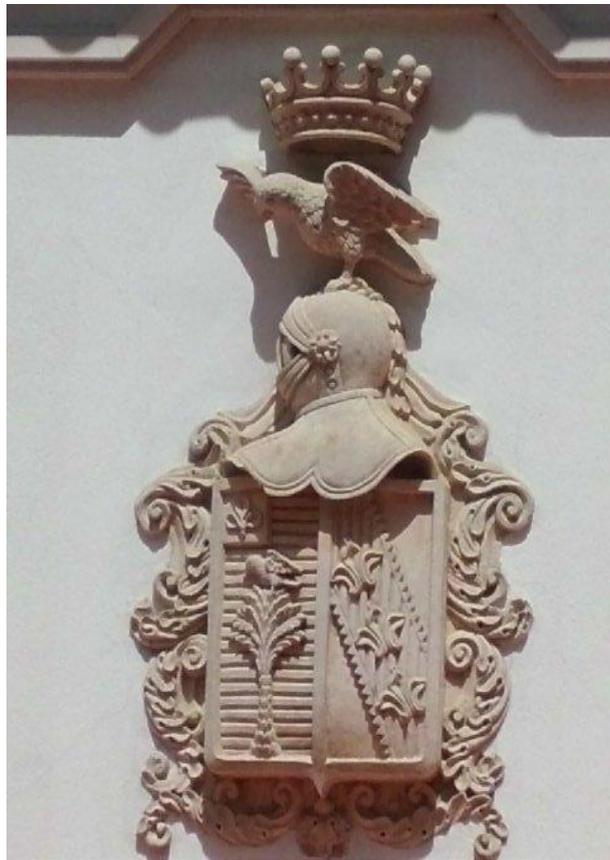
**Imagem 59:** O pormenor do tecto em madeira. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 60:** Uma das salas do interior da Pousada. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 61:** Outra sala do interior da Pousada. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 62:** O brasão da Pousada Santa Cristina. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 63:** No primeiro quartel temos as armas dos Lopes, caracterizada por uma palmeira. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 64:** No segundo quartel temos as armas dos Quaresmas, caracterizada por três flores na diagonal. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 65:** Uma ave com uma ramagem no bico, e a encimar esta ave está a coroa de um Conde com as pérolas visíveis. Foto: Marta Rodrigues.

## Palácio Sotto Mayor ou Lemos Ramalho



**Imagem 66:** Francisco de Lemos Ramalho. Imagem retirada do “Grande Solar” da *Revista da Ilustração Portuguesa*.



**Imagem 67:** A família Lemos. Imagem retirada do “Grande Solar” da *Revista da Ilustração Portuguesa*.



**Imagem 68:** Manuel Pereira Ramos Ramalho de Azeredo Coutinho. Imagem retirada do “Grande Solar” da *Revista da Ilustração Portuguesa*.



**Imagem 69:** O palácio Sotto Mayor ou Lemos Ramalho. Foto do site [www.baixomondego.pt](http://www.baixomondego.pt).



**Imagem 70:** O alçado principal. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 71:** Torreão norte da fachada. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 72:** Torreão sul da fachada. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 73:** O portal principal. Foto retirada do site [www.skyscrapercity.com](http://www.skyscrapercity.com).



**Imagem 74:** A coluna coríntia da fachada principal. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 75:** O pormenor do frontão triangular. Foto retirada do site [www.skyscrapercity.com](http://www.skyscrapercity.com).



**Imagem 76:** O pormenor das sete janelas em sacada. Foto: Humberto Vilão.



**Imagem 77:** Alçado lateral esquerdo. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 78:** Um pormenor da janela do alçado lateral esquerdo. Foto: Marta Rodrigues



**Imagem 79:** Um pormenor das três janelas entre os dois torreões do alçado lateral esquerdo. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 80:** Um pormenor do alçado lateral esquerdo composto por duas janelas e dois óculos envidraçados. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 81:** O salão nobre principal. Foto do livro Marcus Binney, *Casas de Portugal*, pág.131.



**Imagem 82:** Mobiliário indo-português com embutidos em marfim. Foto do livro de Marcus Binney, *Casas de Portugal*, pág.130.



**Imagem 83:** Cama estilo D. João V do séc. XVIII. Foto do livro de Marcus Binney, *Casas de Portugal*, pág.132.



**Imagem 84:** Aspecto de um recanto do salão. Foto do livro de Marcus Binney, *Casas de Portugal*, pág.132.



**Imagem 85:** O pormenor do banco no parapeito da janela revestido de azulejos. Foto do livro do Marcus Binney, *Casas de Portugal*, pág.132.



**Imagem 86:** A capela dedicada a Nossa Senhora da Piedade. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 87:** O portal principal da capela. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 88:** O brasão dos Ramalhos no interior da Capela da Nossa Senhora da Piedade. Foto do site [www.flickr.com/photos/biblarte](http://www.flickr.com/photos/biblarte). Autor: João Miguel dos Santos Simões (1907-1972).  
Data de produção da fotografia original: 1960-1970.



**Imagem 89:** Os dois brasões no portal principal do palácio. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 90:** O brasão dos Ramalhos. Foto: Deolinda Martins.



**Imagem 91:** O brasão dos Lemos. Foto: Deolinda Martins.



**Imagem 92:** Um pormenor do brasão dos Lemos. Foto: Deolinda Martins.



**Imagem 94:** Um dos jardins do palácio. Foto: Marta Rodrigues.

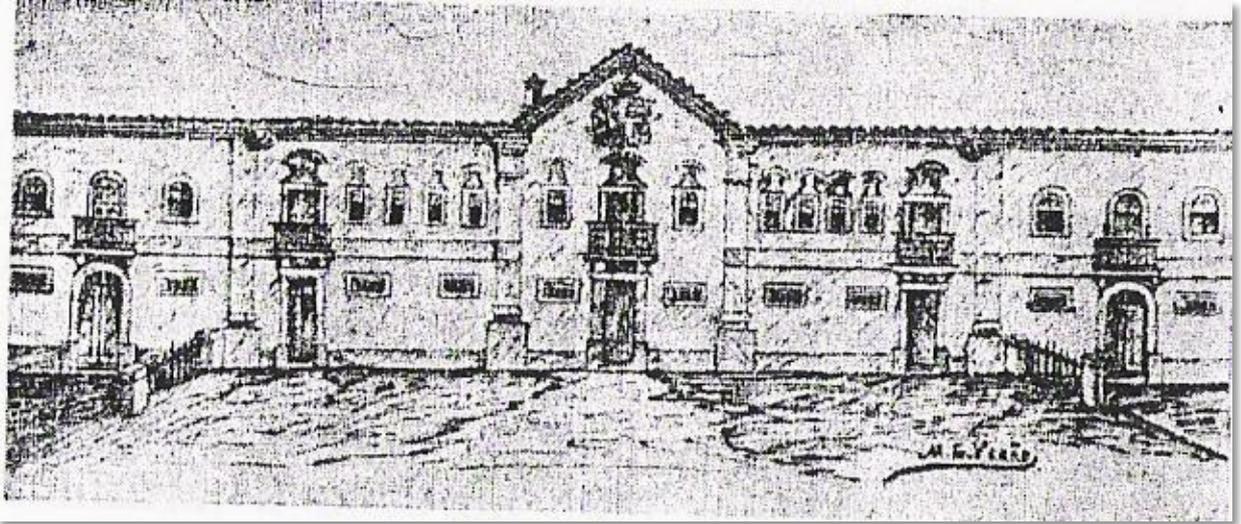


**Imagem 95:** Portão de acesso ao jardim, do lado esquerdo. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 96:** O pormenor do remate do portão onde temos reflectido o cesto das flores que era um símbolo de Condeixa-a-Nova. Foto: Marta Rodrigues.

## Palácio do Conde de Podentes



**Imagem 96:** Palácio do Conde de Podentes desenhado por Gonçalves Verão e a sua fachada principal.



**Imagem 97:** A fachada principal do palácio. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 98:** O corpo principal da fachada. Foto: Humberto Vilão.



**Imagem 99:** A janela da fachada. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 100:** Nesta fotografia destacamos as quatro janelas encimadas por um frontão semi-circular.

Foto: Humberto Vilão.



**Imagem 101:** Alçado lateral direito. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 102:** Alçado lateral esquerdo, dependências agrícolas. Foto. Marta Rodrigues.



**Imagem 103:** Alçado norte no interior do pátio. Foto: Humberto Vilão.



**Imagem 104:** Alçado posterior. Foto. Marta Rodrigues.



**Imagem 105:** O interior do pátio com as suas duas escadas laterais que dão acesso ao piso nobre. Foto: Humberto Vilão.



**Imagem 106:** As cavalariças. Foto: Humberto Vilão.



**Imagem 107:** Alameda de acesso á fachada principal. Foto retirada do site [www.dgemn.pt](http://www.dgemn.pt).



**Imagem 108:** A entrada principal para o jardim. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 109:** Um pormenor do portão que abre para o jardim onde encontramos a inscrição do Conde de Podentes com a sigla CP. Foto. Marta Rodrigues.



**Imagem 110:** O brasão do palácio do Conde de Podentes. Foto: Marta Rodrigues

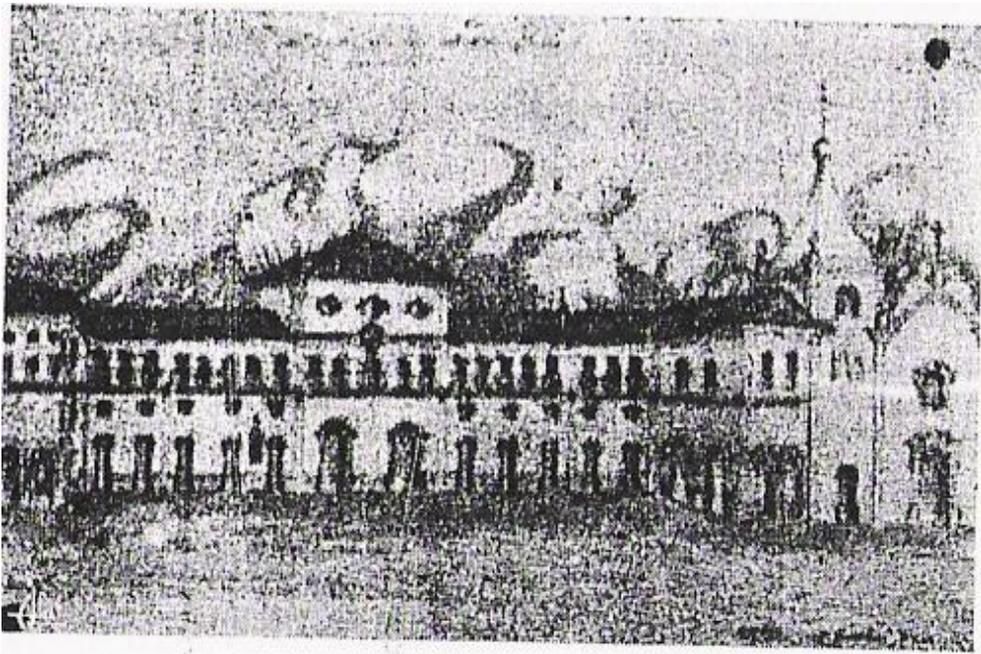
## Palácio dos Sás



**Imagem 111:** O palácio dos Sás actualmente mais conhecido como a Casa dos Sás. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 112:** O pórtico com o nome da Casa dos Sás. Foto: Marta Rodrigues



**Imagem 113:** A fachada principal antes do incêndio. Desenho de Gonçalo Verão.



**Imagem 114:** Brasão dos Sás. Foto: Humberto Vilão.



**Imagem 115:** O alçado principal. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 116:** Extremidade sul do alçado principal. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 117:** A porta lateral de acesso ao edifício. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 118:** A inscrição em latim “Virtus omnia vincit” no portal de acesso ao edifício. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 119:** A janela decorada. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 120:** Um pormenor da janela. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 121:** O alçado direito. Foto: Humberto Vilão.



**Imagem 122:** Alçado posterior. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 123:** Alçado direito do corpo perpendicular á fachada principal. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 124:** Alçado posterior do corpo perpendicular á fachada principal. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 125:** As escadas do alçado esquerdo do corpo perpendicular á fachada principal. Foto: Humberto Vilão.



**Imagem 126:** O pórtico principal. Foto: Marta Rodrigues.



**Imagem 127:** O brasão que encontramos actualmente no Palácio. Foto: Marta Rodrigues.